

O AMANTE DE JESUS CHRISTO

PELO

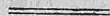
VENERAVEL D. ANTONIO MARIA CLARET

ARCEBISPO DEMISSIONARIO

de

Santiago de Cuba

Fundador da Congregação dos Filhos do Coração de Maria e da Academia de S. Miguel



TRADUZIDO DO HESPAÑHOL

PELO

DR. VALENCIO DO PRADO

Membro da Academia de S. Miguel de
AMPARO — S. Paulo



Impresso com o IMPRIMATUR
da Autoridade Ecclesiastica

A. CAMPOS
PROPAGANDISTA CATHOLICO
S. PAULO

Associação das Filhas de Maria
DA
IMMACULADA CONCEIÇÃO



PREFACIO

Tendo de entregar á luz da publicidade o presente livrinho, é meu dever dedical-o em primeiro lugar ao Exmo. e Revmo. Snr. D. João Baptista Corrêa Nery, preclaro e illustrado Bispo d'esta Diocese, pedindo-lhe o seu «imprimatur»; e o faço não só pela sua qualidade de alta auctoridade ecclesiastica, cujas excelsas virtudes causam admiração á todos os catholicos, mas tambem pelas imerecidas distincções e finezas que me tem dispensado.

Em segundo lugar, devo dedical-o ao Revmo. Pe. Dr. João Gualberto do Amaral, esforçado soldado de Christo, e á quem devo a minha reconciliação com a Igreja; e tambem ao Revmo. Pe. Dr. Julio Maria, que muito me honra com a sua amizade e á cujos sabios conselhos muito devo.

A' minha querida Mãe, anjo tutelar, á quem devo a vida, guia de todos os meus passos e á quem devo o que sou, o dedico com especial carinho, bem como ao meu irmão e

irmãs, cunhado e cunhada, á cujo affecto fraternal muito conforto devo nas horas de desalento.

Aos Revmos. Conego Pedro do Santos, Vigario d'esta Parochia, exemplar sacerdote e ao Pe. Francisco Ozamis, illustrado Missionario e fundador no Brazil da Academia de São Miguel, como tributo de amizade e admiração, o dedico.

Aos consocios da Academia de São Miguel, o offereço como prova de affecto e preto de homenagem á tão denodados catholicos.

O livrinho ahi está.

A parcella do meu esforço foi minima; a contribuição intellectual quasi nulla.

Entretanto, lêde-o vós todos; propagai-o!

E si, com a leitura d'este livrinho, que é semente do Bem e da Verdade, a Fé germinar em terra fertil, multiplicar-se e produzir sazoados fructos; si a Rêde de Pedro, conseguir pesca mais abundante, á mim nada me cabe, pois as glorias são de Deus e do veneravel auctor do livro.

Amparo, 8 de Dezembro de 1910.

Valencio do Prado.

DEDICATORIA DO TRADUCTOR HESPANHOL A TODOS OS MORTAES

E' uma verdade innegualavel que, aquelle que pede, alcança.

Por muito tempo andava eu pedindo á Deus o seu divino amor; e para conseguil-o, me valia da intercessão da Virgem Maria, mãe d'este formoso amor.

Como o desejava demais, não deixava pedra por mover e, não só rogava aos Anjos e Santos do céo, para que me alcançassem de Deus este amor divino, mas tambem supplicava aos meus amigos e ás almas bôas que orassem por mim, afim de eu conseguir tão grande graça.

E como o Senhor não pode resistir á força da oração, eis que se dignou conceder-me este livro de amor.

A' mim, me succedeu, de certo modo, o mesmo que ao propheta Ezequiel (Cap. III), á quem disse o Senhor:— «Come o que te dou...» «E

«eis que me apparece uma mysteriosa mão que trazia um livro.

«E me disse o Senhor: — «Come este livro...» «Abri a minha bocca

«e me saciei com elle. E me disse «ainda o Senhor:— «Filho do ho-

«mem, teu ventre comerá e tuas
«entranhas quedarão cheias com es-
«te livro que te dou.» «Eu o comi
«e o achei tão doce como o mel.»

Uma cousa semelhante me suc-
cedeu á mim: — um amigo me veio
visitar e, com sua mão benéfica e ca-
ridosa, me apresentou este livrinho,
dizendo que era muito bom e que
gostava muito d'elle e instou com-
migo para que o lêsse.

Devido ás suas instancias e por
condescendencia, acceitei o livro e em
meio das minhas grandes e multi-
plas occupaões, tratei de lê-lo.

Porém, oh! meu Jesus!... Que a-
chei eu n'elle?!

N'este livrinho, como náquelle
campo de que fala o Evangelho, está
escondido o thesouro do amor divino.

Oh! formosura antiga e sempre
nova, quão tarde te conheci!

N'este livrinho, como em um
mappa, vejo traçado o caminho que
devo seguir para amar a Jesus Chris-
to; por este livrinho sei o que devo
fazer e soffrer para amal-o!

E que doçura tão grande cau-
sa ao meu coração á sua leitura!
E' maior que a que pode causar, to-
do o mel do mundo, na bocca dos
mortaes.

Oh! quantas vezes me faz pro-
romper em suspiros e arranca dos
meus olhos dulcissimas lagrimas de
ternura e de amor!

Oh! mortaes, amantes das cou-
sas vãs, que correis ufanosos atraz
das mentiras d'este mundo enganador
e como nescias mariposas sois victi-
mas infelizes da chamma do amor:
das riquezas, das honras e deleites,
que com ancia buscais e adorais!...

Abandonai! Sim, abandonai obje-
ctos tão immundos: vinde commigo
e amemos todos aquillo que é real-
mente digno do nosso amor; amemos
á Jesus Christo, já que foi elle o pri-
meiro a nos amar e exige o nosso
amor; e porque Elle reúne todos os
titulos para que amemos devéras.

Lêde este livrinho e conhecereis
o que deveis fazer para amal-o: se-
gui o exemplo d'O Verdadeiro Aman-
te de Jesus Christo, que se acha re-
tractado n'este livro.

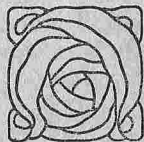
Ai! de mim! Mas o livro está es-
cripto em lingua estrangeira e talvez
muitos de vós não consigais enten-
del-o.

Não vos amedronteis por isso: eu
aplainarei para vós o caminho: tra-
duzirei o livro para o vosso proprio

Idioma e assim a sua leitura vos será facil, amena e utilissima, como, pela misericordia de Deus, o tem sido para mim.

E' este o motivo que me leva á apresentar-vos e dedicar-vos este livrinho, porque o amor de Deus é muito differente do amor terreno. Este busca a solidão, foge das companhias, quer viver solitario. O amor de Deus, pelo contrario: busca as companhias e, como fogo que é, quizera accender em todos os corações a scintella d'este mesmo abençoado amor.

Nada vos digo mais. Ahi está o livrinho. Experimentai: lede-o e vereis o resultado.



O Amante de Jesus Christo

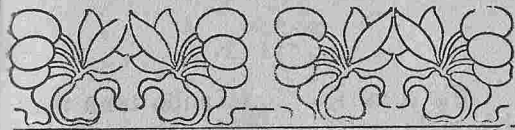
PROLOGO

O objectivo d'esta pequena historia é dar uma idea de um fervoroso amante de Jesus Christo, sob a forma de um seu verdadeiro discipulo.

Este livrinho se divide em tres partes: a primeira, tracta da vida occulta e solitaria d'este homem devotado ao Bem; a segunda, tracta de sua vida publica e laboriosa; e, a terceira, dos seus soffrimentos e da sua morte.

Na primeira parte, se verá como elle se enche de santo amor; na segunda como o communica aos outros homens e, na terceira, como se consume em suas puras chammas.

Eu rogo e supplico ao Senhor para que, aquelles que lerem e ouvirem ler esta historia, á exemplo d'este grande homem, aprendam a amar Jesus Christo, fazendo com que todo o mundo o ame e cresçam todos os dias n'este santo amar.



O AMANTE DE JESUS CHRISTO

PRIMEIRA PARTE

SUA VIDA OCCULTA E SOLITARIA

Por muito tempo procurei uma pessoa que amasse devéras á Jesus Christo: algumas almas bôas encontrei no claustro e outras na cidade; porém meu coração não ficava satisfeito; ainda não havia encontrado o que desejava.

Um dia em que me lamentava á Deus intériormente, Elle se dignou ouvir os meus rogos e me fez encontrar este verdadeiro amante de Jesus Christo.

Eis como: — Passeando uma manhã pela orla do mar, fixei minha atenção n'estas palavras que vi escriptas na areia: — **Amai á Jesus Christo.**

Isto me causou admiração, porém mais admirado fiquei ao observar que estas mesmas palavras estavam repetidas em diferentes logares da praia: é um homem, sem duvida, disse de mim para mim, que escreveu aqui na areia estas palavras. E, quem sabe si esta é a pessoa que busco e habita perto d'aqui?

Quiz indagal-o e volvi os olhos para uma montanha visinha, em cujo cume divisei um pequeno bosque e uma especie de casa muito pobre.

Como que atrahido por uma força irresistivel, me dirigi para lá.

Por toda parte encontrei cousas que me animavam a subir pelo monte, não obstante ser elle quasi inacessivel em muitos sitios.

Observei que nas rochas e nas cascas das arvores estava gravádo mui a miúdo o nome de Jesus: ás vezes se encontravam escriptas sentenças da Sagrada Escriptura, todas cheias de fogo, que me falavam do amor divino.

Ao acercar-me da casa, li de lon-

ge esta inscripção: — **«O que não quizer amar á Jesus Christo, que não entre aqui».**

Si alguma vez, meu coração ficou possuido de alegria, foi n'esta occasião: entrarei, pois, disse eu n'aquelle momento.

Este é o logar ditoso onde espero encontrar o que busco.

Apertei o passo para chegar mais depressa, mas me detive para ouvir uma voz que amorosamente murmurava:

— «Vós sabeis, dizia ella, Vós sabeis ó meu Deus, que meu coração arde de amor por Vós!

«Mas, ai!... De que provém que não vos amem todos os homens?»

«Oh! amor! Amor que incessantemente ardeis e jamais vos extinguís! Oh! amor terno! Amor ardente que triumphais em meu coração!...

«Ah! porque não triumphais nos corações de todas as criaturas?!

Oh! meu Deus! Quanto nos haveis amado e, quão pouco vos amamos!

Ah! tivesse eu os corações de todos os Cherubins, ou melhor tivesse eu o vosso proprio coração, ó meu amavel Salvador, para vos amar tanto quanto sois digno de o ser!

Oh! amor que ardeis sem cessar e jamais vos extinguis!... Amor santo! Amor casto! Amor divino!

Amor que por todos vos derramais! Porque não vos estendeis pelos corações de todos os homens? Porque não os penetrais? Porque não os abrazaes com o vosso fogo?

Ai! de mim!... Não posso suster por mais tempo esta chamma que me consome... basta, Senhor, basta! Ao menos achasse eu com quem repartir este verdadeiro incendio que me devora!

— Aqui estou, lhe disse eu, n-esse momento; e, correndo apressuradamente, repeti-lhe: — aqui estou para repartirmos entre nós dois essa divina chamma.

Dizia isto, porque cria fallar com uma pessoa que me respondesse; porém ella não me ouviu porque acabava de cahir em extase.

Era um homem de mediana estatura, de rosto extenuado, porém doce e cheio de um certo fogo que indicava perfeitamente o amor divino de que se achava possuido.

Seus olhos, elevados ao céu, estavam fixos e sem movimento algum.

O corpo meio curvado, com um braço elle apoiava a cabeça, emquan-

to que o outro o conservava graciosamente cahido.

Tudo n'este homem eu achava admiravel e me parecia não respirar outra cousa sinão o amor de Jesus Christo.

Acreditei-o morto porque não respirava e, para assegurar-me d'isto, appliquei a minha mão sobre o seu peito. Porém, oh! Deus meu! de que fogo, de que ardor ficou abrazada.

Convenci-me, então, de que não estava morto, porém que o amor divino o havia extasiado por algum tempo. Não quiz interromper o extase, porém, tendo-me posto a orar não longe, despertou, este homem de Deus, como de um somno e mirando-me docemente disse:

— «Sois vós o que quer amar á Jesus Christo?»

Estas palavras me commoveram tanto, que de prompto não pude responder-lhe sinão com lagrimas.

— «Oh! amor que me abraza.» continuou elle sem reparar mais em mim: «Oh! amor que derretes e consumes meu coração! Porque não encendeias os corações de todos os homens? Porque não os abrazaes com essas chammas com que tens inflamado todo o paraizo celestial?

«Ai! de mim! Ardo com este mesmo fogo; não posso conter tão grande chamma dentro do meu pequeno peito! E não encontro quem queira compartilhar commigo este fogo divino!»

— Ah! reparti commigo, disse-lhe eu, si o quereis, esta chamma divina!

— «Vós quereis, pois, replicou elle, amar á Jesus Christo?»

— Este é o mais ardente dos meus desejos, respondi-lhe. Por isso busco uma pessôa que o ame e que me ensine a amal-o perfeitamente.

— «Ai! de mim!» disse elle dando um forte suspiro: «ignoro si sou esta pessoa. O que sei ao certo é que ardo e que este ardor que sinto não pode provir de outro fogo sinão do amor a Jesus Christo.»

Disse estas palavras de um modo que me deu bem a entender o amor de que estava vivamente penetrado; e, depois de um curto silencio, proseguiu:— Que motivos, que poderosos motivos para obrigar-nos a amal-o! Porém, ai! que não se pensa, nem se conhece quem é Jesus Christo!

Sabemos que Jesus Christo é nosso Deus, porém um Deus de misericordia, um Deus de amor, que se fez homem por nossa causa?

Sabemos que se fez menino, ossos dos nossos ossos e carne da nossa carne; em uma palavra que se fez semelhante a nós?

Ah! si tudo isto souberamos, seguramente andariamos em vosso amor, oh! meu Salvador, e não haveria quem não estivesse prompto á consagrar-vos mil vidas si as tivesse!

E ainda mais, si se pensasse e si, se meditasse que em todo o curso da vossa vida mortal, sempre haveis trabalhado por nós; que por nós haveis soffrido todos os tormentos imaginaveis; que por nós tendes sacrificado todos os vossos cuidados, todos os vossos meritos, todos os vossos thesouros, todo o vosso sangue, a vossa vida e todo Vós mesmo...

Oh! mortaes! Si vós conhecesseis bem á Jesus Christo, arderieis todos com seu santo amor!

Porém, vós não o conheceis; e, si os christãos o conhecem, vivem como si não o conhecessem.

Oh! meu amavel Salvador! Fazei com que os homens vos conheçam! Fazei com que todos vos amem tanto quanto nos haveis amado!

E nós outros não vos amaremos?
Vós nos haveis amado de todo o

vosso coração, de toda a vossa alma e com todas as vossas forças!

Vós nos haveis amado de todo o vosso coração, porque sempre haveis pensado em nós do modo o mais tenro e amavel; de toda a vossa alma, a entregastes para redimir a nossa; com todas as vossas forças, porque as haveis empregado, usado e consummido por amor.

Que direi, ó meu Deus, d'este infinito amor que nos tendes?

Vós nos amais muito mais que á todas as outras criaturas, porque para nós unicamente as tendes criado e as conservais!

Vós nos amais mais do que aos Anjos, porque por nós, e não por elles, vos tendes entregado ao supplicio!

Vós nos amais mais do que ás vossas delicias, do que ás vossas riquezas, do que á vossa gloria!...

Vós nos amais, enfim, mais do que á vossa alma, do que o vosso corpo, do que a vossa vida, mais do que á Vós mesmo; pois que, por nosso amor haveis sacrificado todas estas cousas e as sacrificarieis ainda, si necessario fosse.

E não o fazeis, oh! meu Jesus, to-

dos os dias sobre os altares onde sem cessar vos immolais por nós?!

E não o fazeis ainda sobre os nossos corações, onde vindes, quando vos apraz, para consummar este sacrificio?

— Eu me extasio e me arrebatou diante d'estas verdades, continuou dirigindo-me a palavra:— Porém, que quereis que vos diga?

Jesus Christo nos ama e não é amado. Elle nos dá tudo e nós tudo lhe negamos. Elle nos busca e nós lhe fugimos. Elle nos fala no intimo do coração e nós não o queremos escutar. Elle nos enche de beneficios e nós o offendemos á cada passo.

Elle nos traz em seu coração e nós o expulsamos do nosso!...

Emfim, oh! meu Jesus, o que direi, mais?

Vós nos amais e os homens não vos amam.

Oh! amor, amor que abraza os corações dos Seraphins, porque não fazeis o mesmo com os corações de todos os homens?!

Sim, O' meu Deus, Vós vos humanastes por nós e não pelos Seraphins; elles são vossos servos e nós, vossos irmãos;— Porque, pois, ateaes, tão grande, a chamma do vosso amor

em seus corações e tão pequena nos nossos?

Oh! fogo de amor que incessantemente ardeis e jamais vos extingueis Incendiai, inflammai, penetrai, consummi os nossos corações e fazei que n'elles reine unicamente Jesus Christo!...»

Emquanto ouvia com summo prazer e alegria estas palavras calorosas, deu meio dia na torre situada á pouca distancia.

— «E', disse-me elle, o relógio da Parochia visinha que está avisando-me de que é a hora do meu almoço.

Quereis acompanhar-me?

Parece-me que ainda estais em jejum e, portanto, tendes necessidade de alimento.»

Acceitei de bom grado o convite.

Dentro de alguns momentos estava prompto o almoço que consistia em um pouco de legumes, alguns fructos silvestres e uns peixinhos que o mar costuma deixar nas praias.

Fomos, então, nos assentar á sombra de uma arvore frondosa junto de uma fonte crystallina.

Ao começar a refeição, disse-me o homem:— «Eis o que a misericordia de Deus nos dá.» É de mãos postas, com os olhos fitos no azul do céu, ac-

crescentou:— «Fazei, ó meu Senhor, que estes alimentos que Vós nos concedeis, augmentem em nós o vosso santo amor!...»

Depois d'esta oração nos puzemos a comer.

Jamais tomei parte em almoço tão delicioso, porque além do sabor particular das iguarias, a conversação que este santo homem mantinha, era por demais encantadora.

Oh! que grande differença vai das delicias do céu ás delicias da terra!

Este homem me falava constantemente do amor de Nosso Senhor e para m'o infundir, não havia motivo que não allegasse.

— «Deus, dizia-me elle, é ao mesmo tempo nosso pae, nosso irmão, nosso amigo e Nosso Senhor.

«— Pae — Elle é o mais terno, o mais amoroso, o mais solícito, o mais carinhoso dos paes!

«Irmão — Elle é o mais amavel, o mais affectuoso, o mais extremoso dos irmãos!

«Amigo — Elle o é dos mais leaes, dos mais generosos, dos mais dedicados!

«Senhor — Elle o é o mais nobre, o mais rico, o mais esplendoroso, o mais sabio, o mais bondoso, o mais

digno de dedicações e amizades, o mais digno de ser amado e venerado de quantos senhores têm perpassado sobre a terra!...».

E me explicava estas cousas com uma voz tão doce, com expressões tão eloquentes que a mim me parecia ouvir não as palavras de um homem mas sim as de um Anjo.

Depois do almoço terminado, e de tê-lo agradecido, a Deus com uma curta oração, conduziu-me á sua modesta e pequena habitação.

Nunca vi casa tão pobre, mas também, arranjada com tanta ordem: as imagens da vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, adornavam as paredes; e, toda a sua mobília consistia em duas cadeiras de palha torcida.

Em um canto mais retirado, havia um oratorio e junto d'elle, encostados a parede, duas táboas largas postas em cruz: — isto me fez crer que as ditas taboas lhe serviam de cama para o descanso da noite, porque não vi outra cama em toda a habitação.

— «Sentemo-nos, me disse elle. Já vedes qual é aqui a minha occupação ordinaria; estas imagens que estão ao redor de nós, me representam

continuamente o objecto do meu amor.

«Na vida e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, é onde, uma alma verdadeiramente christã, deve aprender a viver e morrer para Elle: contemplando estes sagrados mysterios amal-o; mas para isto, é mister a solidão.

— «Uma pessoa, vivendo no tumulto do mundo, nada disto pode comprehender: este foi o motivo que me obrigou a abandonal-o, para vir viver n'este retiro em que me vêdes».

— Ao ouvir-o falar-me do seu reatrahimento do mundo, senti curiosidade de saber mais particularmente os pormenores da sua vida. Sobre tudo perguntei-lhe: como havia aprendido a amar a Jesus Christo; como havia começado este amor e como havia feito tanto progresso?

As minhas perguntas o embaraçaram algum tanto; mas, como suppliquei-lhe em nome do mesmo Jesus que m'as respondesse, não poude recusar-se; impoz-me porém a condição de prometter-lhe que para o futuro não me entregaria á outro amor sinão ao de Jesus Christo.

Por ser este o meu maior desejo, pouco me custou a prometter-lh'o e, então, para satisfazer o meu pedido,

deu principio á historia de sua vida da maneira seguinte:

— «Teria eu sete annos quando meu pae tomou por sua conta ensinar-me a lei e a religião christã.

«Todas as noites elle me falava de Jesus, porém de um modo tão bom, tão doce, e tão terno, que, meu coração ainda virgem, recebia com summa facilidade estas primeiras impressões.

Eu não ouvia falar de outra cousa sinão da bondade de Jesus, e por isso fiquei amando-o tanto, que só d'elle falava, discorrendo todos os dias sobre os meios de sacrificar-me inteiramente á Elle.

— «Oh! paes! Oh! mães! — Si soubesseis quão importante é educar assim os vossos filhos, vós os faries uns santos e, breve, o mundo inteiro arderia no amor do Nosso Senhor, Jesus Christo!

«Nada mais interessante que inspirar-lhes estes primeiros sentimentos: um cerebro jovem e terno, é susceptivel de gravar qualquer impressão e por pouco que se lhe faça entender as cousas, com difficuldade ou jamais se apagam as primeiras ideas por elle recebidas.

«— Porque, paes, desde tenra idade não inculcaes aos vossos filhos tudo quanto concerne á pessoa amavel de Jesus:— sua docura, sua humildade, sua obediencia, sua modestia e sua incomparavel caridade?!

«Porque não lhes encheis o espirito d'essas bellas idéas que lhes serão muito mais doces, mais agradaveis e muito mais proveitosas do que os «contos phantasticos» com que se costuma entreter-lhes a infancia?

«Ha, por ventura, cousa mais formosa que ensinar-lhes que existe um Deus; que este Deus é o Senhor de todas as cousas, que tudo vê que está em toda parte; que tudo governa e tudo sustenta?

Que este Deus, tão grande, tão rico, tão poderoso, tão perfeito, tão adoravel, houve por bem fazer-se menino por nossa causa, passar por todos os periodos da infancia e da adolescencia, sempre humilde, submisso, docil, pobre, amavel e que depois de viver entre nós trinta e tres annos e nos ter dedicado todas as suas fadigas e trabalhos, quiz, por fim, ser sacrificado na cruz por nosso amor?

«Viu, acaso, o mundo, cousa mais surprehendente; e pode haver ver-

dade mais encantadora para se ensinar á infancia christã ?

« Ah! si se cuidasse de imprimir bem na mente das crianças estas idéas, jamais d'ahi se apagariam e os ternos corações somente pulsariam plenos de amor por Jesus!

« Eu confesso que o meu ficou inteiramente penetrado d'estas ideas.

« E que fogo, que santos ardores me abrasaram então!

« Para qualquer parte que volvesse o meu olhar, á mim me parecia ver o meu Salvador. Via-o no sol, nos astros, nas flores, nos fructos, em tudo, enfim, que se apresentava á minha vista.

« Quando tomava a minha refeição, parecia-me que estava commigo á mesa; que se divertia commigo, quando me entregava aos meus innocentes folguedos e quando dormia sonhava que descansava em seu seio.

« Para mim, estas ternuras, estas familiaridades, eram entretenimentos dulcissimos e inexplicaveis.

« Oh! meu divino Salvador! Quanto sois bom, pois que assim vós comprazeis em vos communicardes com as almas ternas, sensiveis e innocentes!».

— Eu escutava com prazer as palavras d'este homem seraphico.

Reconhecia a importancia de instruir os meninos, desde os primeiros annos, no conhecimento e amor de Jesus Christo.

Admirava as affectividades amorosas do coração de Jesus, em relação ás almas sensiveis e puras!

Mas, reflectindo commigo e reconhecendo-me reo de muitos crimes, disse-lhe:

— Não me admira que o nosso amavel Salvador se communique com uma alma, tão pura é tão elevada, como a vossa.

Mas, ai! Uma alma criminosa, um peccador como eu, poderá esperar os mesmos favores?

— « Sim! » — me respondeu, dando-me um estreito abraço.

« A alma de um peccador, verdadeiramente arrependido, pode esperar os maiores favores e elle pode chegar a ser um perfeito amante do seu Salvador: exemplos desta verdade, temos em São Pedro, na Magdalenha e nos Apostolos, dos quaes á excepção de São João, podemos dizer que todos haviam sidos peccadores.

— « Por muito peccador que sejais, continuou, mesmo assim, Jesus Christo, vos ama; por vós, Elle mor-

reu e ainda morreria si necessario fosse. Elle vos ama e vós si quizerdes, podereis amal-o com ardor, sentindo no peito as mesmas chamas que têm abrasado os corações de tantos Santos e insignes penitentes.

«E ainda digo mais: si vos converterdes á Elle, experimentareis as bondades e ternuras do seu amor, mais á miudo que as almas que se conservaram fieis. A prova d'isto está na **Parabola do Filho Prodigio**, no Evangelho, ao qual quando voltou, o pai dispensou tantas caricias e festas, como nunca as fizera ao filho mais velho que sempre lhe fora fiel.»

Estas palavras me consolaram e me fizeram ver de um modo particular, que, um peccador, como eu, não devia desesperar de amar um dia á Jesus Christo.

Prometti-lhe que empregaria todo o meu empenho em converter-me e amar ardentemente á Jesus, mas que, para animar-me, continuasse a exposição da historia de sua vida.

Consentiu elle e continuou, referindo-me com a maior sinceridade, o seguinte:

— «Pouco mais de nove annos, teria, quando me instruíram no Cate-

cismo, para fazer a primeira communhão.

«Preparei-me para ella do melhor modo possível, porque estava bem persuadido de que n'este admiravel Sacramento, devia receber o corpo do meu Senhor, objecto do meu affecto, de modo que, nada poupei para recebê-lo dignamente.

Jejei muitos dias ás escondidas de minha familia; dei todo o meu dinheiro aos pobres e busquei o retiro, para fazer largas orações. Em qualquer parte que estivesse, me achava, sem saber como, todo cheio de amor por aquelle Senhor por quem minh'alma constantemente suspirava.

«Desejos mais ardentes, não creio nunca mais experimental-os em toda a minha vida.

«Recebi, enfim, o amado do meu coração, e fiquei tão contente que cria ter em mim todo o paraíso.

«Nada vos digo dos sentimentos de alegria, de confiança, de amor e de reconhecimento que, então, meu Senhor se dignou communicar-me.

«Estava tão compenetrado do seu amor, que eu já não vivia em mim, mas eu Elle é que vivia em mim.

«Parecia-me que trazia constantemente Jesus em meu coração e es-

tava tão cheio da sua divina presença, que, em verdade, Elle era a alma de minha alma, como esta é a do meu corpo.

— «Oh! meu Jesus! Quão grandes os affectos de minha alma por Vós!

«Vós me communicaveis esses affectos com tamanha bondade; Vós derramaveis em meu coração essas doçuras com tanta abundancia que, ás vezes, me via obrigado a dizer-vos: basta; porque não me era possível supportar-as todas por mais tempo e si o tentasse fazer morreria, certamente.

«Como visse que Jesus não cessava de entregar-se á mim, já pelo agusto Sacramento da Communhão e já, mui á miúdo, por meio de certas communicações que não sei explicar, só suspirava por entregar-me reciprocamente e consagrar-me inteiramente á Elle, com laços mais indissoluveis.

«Ainda não tinha dezeseite annos quando fiz voto de castidade, perpetua. Pareceu-me que não podia fazer maior offrenda que consagrar-lhe desde então meu corpo e sacrificar-lhe os prazeres enganadores do mundo, proprios da idade viril; para fazer isto, porém, ouvi previamente o

parecer do meu director espiritual.

«Mas, d'ahi em diante, Deus me submetteu á uma provação cruel: até ahi, nada havia sentido em mim que me conduzisse a movimentos desregrados; porém, logo que pronunciei o meu voto, vi-me aguilhoado por todos os instinctos da concupiscencia; mil objectos exteriores se me apresentavam á vista para perder-me; havia em mim um fundo de iniquidade e corrupção. Sentia, emfim, a minha fraqueza e a minha miseria!

«Mas, Vós, oh! meu Deus, me haveis sustido nos mesmos lances em que me cria perdido!

«Vós viestes á mim e me destes valor em minhas penas! Posso mesmo dizer que haveis consentido que se ateasse em mim este fogo do inferno, unicamente para accender melhor em meu coração o vosso amor divino.

— «A tentação durou mais de dous annos. Foi, somente, concentrando-me, mais e mais, no amor de Jesus Christo, á quem havia consagrado o meu corpo com o voto de castidade, que consegui libertar-me de tão máo e agudo estímulo.

«Resolvi consagrar-lhe tambem a minha alma com o voto de obediên-

cia. Fiz este voto aos vinte annos e prometti a Jesus entregar-lhe toda a minha liberdade; que d'ahi em diante, a minha vontade seria a sua e que, por isso, renunciava inteiramente á minha vontade e sujeitava-me á de meus superiores.

«Não posso duvidar que Deus se dignasse acceitar meu voto, attendendo ás minhas orações, visto como me submetteu então a duras provas. Não houve desgosto nem contrariedades que não soffresse da parte dos meus, da parte dos demonios e da parte do proprio Deus; parecia que todos os meus parentes se haviam conjurado contra mim e que se compraziam em contrariar-me em tudo. Os demonios, de sua parte, faziam o que podiam e revolviam em meu coração as paixões mais violentas!

«Vós, mesmo, oh! meu Salvador, carregaveis, sobre mim a vossa mão; rodeaveis-me de espessas trevas; me rechassaveis quando recorria a Vós e me parecies o meu maior inimigo.

«Cahia, á cada instante, em uma especie de insensibilidade, sem ter vontade nem desejos.

«Não entendia, emfim, em que tinha vindo parar o meu coração: —

não era dono de mim mesmo; estava sem liberdade.

«Não obstante, fiz quanto pude para sahir, desse labyrintho, e meu confessor, homem de rara virtude e saber, á quem me descobria inteiramente, dizia que as minhas acções eram muito razoaveis.

«Dizia-me, para meu consolo, que eu tinha um certo ar que edificava o mundo e que as minhas palavras ganhavam almas para Deus.

«Eu não podia comprehender, nem gostar do que então me dizia este sabio director espirital, tão cego e insensivel era á tudo.

«Apezar disso, obedecia aos conselhos e puz-me inteiramente sob a sua direcção.

«Vendo-me, emfim reduzido á derradeira miseria moral, acreditei que para ajudar as disposições de Deus sobre a minha pessoa, devia fazer um terceiro voto, pela qual me despojasse de todos os bens terrenos para consagrar-me inteiramente a Jesus: — Era o voto de pobreza.

«Logo que fiz este voto, falleceu meu pae, o qual me deixou grande fortuna que renunciei em beneficio de meu irmão menor e, desgosto-

so do mundo ,resolvi retirar-me para esta solidão em que me vedes.

«Antes, porém, de poder executar a minha resolução, que de contrariedades não experimentei! Quantos obstáculos não hei vencido e superado!

«Meus parentes, amigos e o mundo inteiro se esforçavam em deter-me. O demonio, que em tudo suscitava mil occasiões para a minha completa perdição, tambem não deixava de intrometter-se n'isto.

«Mas não pararam ahi as provações. Cahi, sem saber como, em um estado moral mais lastimavel do que o que já vos hei dito, pois além de me tornar insensivel ás cousas de Deus, experimentava em meu ser a resolução das paixões as mais horriveis, pondo-me á borda do abysmo da minha eterna perdição. E, para dizel-o em uma só palavra, apenas fiz o meu voto de pobreza, Deus me fez sentil-a amarga interiormente, á par da miseria exterior.

«O mundo e o inferno conspiraram contra mim durante este periodo. As paixões me assaltavam continua e terrivelmente, de tal modo, que não me atrevo a contal-o, pois a simples narração vos horrorizaria.

«Mas, oh! meu amavel Salvador!

O vosso amor triumphou em toda a linha!

«Renunciei ás honras, aos prazeres e ás vaidades da vida, abandonei meus irmãos, parentes e amigos, deixando-lhes todos os meus bens; desprendi-me do mundo e retirei-me para esta soledade, na qual estou já ha mais de dez annos.

«A calma a mais profunda reinou no principio do meu retiro. Não experimentei a revolta das minhas paixões; o mundo me deixou em paz e o demonio não me deu o que fazer.

«Tranquillo me achava n'esta solidão exterior em que vêdes, a qual não era mais que a sombra de outra interior em que me achei n'esses primeiros annos.

«Oh! meu Divino Amor! Eu vos buscava por toda parte e Vós vos comprazieis em fugir de mim!

«Eu abandonara o mundo para encontrar-vos melhor e entreter-me convosco, porém, Vós vos occultaveis de mim e eram inuteis todos os meus esforços para encontrar-vos!...

«Isto convertia-me interiormente em um deserto lugubre, em uma soledade horrivel: nada me falava de Deus e até a sua voz se callava para mim.

«Não o via mais em minhas ora-

ções e cria havel-o perdido deveras e para sempre.

«Chorava amargamente e lamentava constantemente a minha desgraça; suspirava sem cessar por Jesus, e meu coração, que em outras occasiões tanto Elle havia consolado, soffria o terrível martyrio de não encontrar o unico lenitivo que pedia.

«Porém, quão bom ereis, meu Salvador, em tratar-me deste modo! — «Me ensinastes, então, a desprender-me de mim mesmo e facilmente me mostrastes que não devia apoiar-me mais unicamente sobre a doçura da graça a fim de apoiar-me inteiramente sobre Vós.

— «O amor que me inspirastes nos primeiros annos juvenis, não era mais que um amor de criança: — precisava agora d'estas provas e necessitava purificar-se n'estes differentes estados.

«Oh! meu Jesus! Mas vós depois de me haverdes feito passar por estes horrosos desertos da alma, me conduzistes finalmente a esta terra da promissão em que se gosa unicamente doçuras e onde Vós derramais abundantemente as vossas graças sobre mim!»

— Apezar do grande prazer que sentia ouvindo o solitario, não pude

deixar de interrompel-o e lhe disse com viveza:

— Que! Pois em todos estes estados de sombras, tentações, miserias, insensibilidade e mesmo n'este estado espantoso de soledade, amaveis á Jesus Christo?

— «Sim, eu o amava, me respondeu, mas sem o saber. E esta ignorancia em que me achava, era o meu maior tormento.»

— Porém, objectei-lhe, como podias vós amal-o com umas disposições tão espantosas e ainda mais, amal-o sem o saber?

— «Não o sabia por certo, me respondeu; mas depois que Jesus me fez sentir o seu amor, reconheci que o amei sempre.

«Sim: eu amava ao meu adoravel Salvador e este amor que lhe professava antes, tão terno, tão doce, tão tão ardente e tão sensível, se purificava então por meio das minhas penas; eu não o sabia porém e devia ignoral-o.

«Purificava-se, entretanto e muito; e, me parece opportuno desvendavos aqui os segredos do amor divino.»

Explicou-me em seguida o que ha de mais mysterioso e occulto no caminho da vida espirital ou interior,

mostrando-me como nos primeiros fervores e sensibilidades do amor divino, ha sempre muito amor proprio. E ajuntou:

— «Mescla-se muito a miudo a vaidade a certa complacencia na qual toma a natureza uma boa parte: ama-se a Deus, é verdade; porém, ama-se atravez do prazer que se saboreia com este amor; ama-se um certo gozo que se experimenta; ama-se o proprio interesse espiritual e elle se compraz com isto e se descança; em uma palavra a pessoa ama á si mesma e talvez mais do que a Deus.

«O amor divino, que quer ser o nosso unico dono, vendo-se como que rodeado de todas estas miserias, quer desprender-se d'ellas a todo o custo e é este o motivo pelo qual nos põe em estados e situações diferentes.

«Tão promptamente nos cerca de nevoas e obscuridade, afim de nos fazer conhecer a nossa ignorancia, como nos abysma em um estado de cegueira e aridez mental, para que sustentemos a nossa indigencia.

«Tão promptamente suscita em nosso coração uma revolução continuada das paixões, para que vejamos que não somos mais que peccado, como nos deixa, por fim, em uma solidão

horrorosa para fazer-nos sentir que somos puramente nada.

«Este amor divino, fazendo-nos conhecer assim as nossas debilidades, as nossas miserias, as nossas insufficiencias, em uma palavra, o que somos nos dispõe a fazer-nos conhecer melhor a sua bondade, a sua misericordia, as suas grandezas, o seu poder, o que elle é, emfim.

«Oh! quão vantajoso é, me dizia este santo homem, passar por estes diferentes!

«Mas, convém ser fiel e abandonar-se inteiramente aos cuidados adoráveis do nosso Salvador.

«Não ha duvida que, ás vezes, succede n'estas provas molestas, a alma commetter algumas faltas; mas Deus com facilidade as perdôa, por pouco que se esmere alguém em converter-se: Elle sabe as nossas fraquezas e quando vê uma alma a suspirar arrependida, este Deus, todo amor, se compadece d'ella e nada lhe nega.

«Passei por todos estes estados de que vos falei: padeci tudo quanto o amor dos prazeres, do interesse e estima social, em uma palavra; tudo quanto o amor proprio pode soffrer; porém, este morreu debaixo de taes

golpes, e parece-me que, actualmente me acho livre d'elle.

«Felizmente, não é o amor proprio quem reina em mim: sois Vós e só Vós, oh! meu Jesus, que em meu coração triumphais!

«Oh! Jesus, que com vosso amor abrazaes o meu coração e o consumis nas chaminas as mais puras, porque não abrazaes os corações de todos os homens e não os sujeitais ao vosso imperio?

«Abandonei o mundo, é verdade, porque o mundo não ama á Jesus Christo; mas quero voltar ao mundo para ensinar aos homens como se deve amar ao Filho de Deus.

«Sim: irei a todas as terras, atravessarei os mares, penetrarei nos paizes mais barbaros, prégarei por toda parte quão adoravel é Jesus Christo e como devemos amal-o.»

Disse-me estas palavras com uma amargura inexplicavel; depois, despedindo-me docemente, disse-me suspirando:

«Ide-vos! Volvei á vossa casa e não venhais mais procurar-me em meu retiro. Pode bem ser que, algum dia, ainda nos encontremos em outro logar. — Adeus!... vou para

onde me transporta a vehemencia do meu amor!»

Suppliquei-lhe que se dignasse permittir-me que passasse a noite em sua companhia, porém, elle negou-me este prazer.

Retirei-me depois de o haver abraçado muitas vezes e dirigi-me a uma pequena choça que havia alli perto e onde durante a noite toda não fiz outra cousa sinão pensar na minha boa fortuna que me fez encontrar este santo e solitario e reproduzir em meu espirito a agradavel conversação que havia tido com elle, durante o dia.

Ao raiar da aurora, abandonei o meu albergue para ir encontrar-me de novo com o solitario.

Busquei-o por todos os recantos d'aquelle pequeno bosque, na fonte e na casinha, que achei de todo aberta, mas não o encontrei em parte alguma.

— Talvez abandonasse a soledade, disse de mim para mim, e seguisse a annunciar ao mundo o amor de Jesus Christo.

— Ou, quem sabe si, escondido em algum rincão, estará fazendo as suas orações?

Estava assim perplexo, quando vi

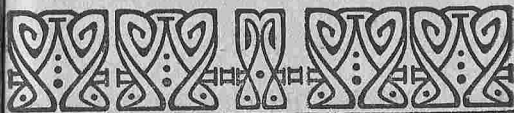
no genuflexorio uma carta; tomei-a e li n'ella estas palavras:

«Porque ainda me buscais aqui? «Meu amor me havia trazido e esta «solidão; elle mesmo veio tirar-me «d'ella; ver-me-eis algum dia: A-deus!...

«Amai á Jesus Christo.» 4

— Não duvidei que o homem tivesse partido durante á noite e renunciase ás doçuras da solidão para levar o amor de Jesus Christo, a toda parte.

Por isso, resolvi voltar para minha casa, consolando-me da perda da companhia de santo varão, com esperança de que um dia o tornaria a ver.



O AMANTE DE JESUS CHRISTO

SEGUNDA PARTE

SUA VIDA PUBLICA E LABORIOSA

Depois da conversação que tive com o santo solitario, não cessava de bendizer ao Senhor por me haver feito encontrar aquelle que ha tanto tempo buscava: — um homem inteiramente desprendido do mundo, despojado de si mesmo e sobretudo ardendo no amor de Nosso Senhor Jesus Christo. Não podia deixar de pensar nelle e recordar os doces momentos em que esse homem de Deus me referia a historia de sua vida e me ensinava insensivelmente os mais secretos e oc-

cultos caminhos da vida espiritual, e, a arte admiravel de amar perfeitamente á Jesus Christo.

Suas palavras, seu ar, seus ademanes, seu gesto, sua pessoa, enfim! elle proprio me estava presente a todas as horas e esperava com santa impaciencia o feliz momento em que havia de vel-o pela segunda vez.

Seis annos transcorreram n'esta larga expectativa; mas, por fim, o Senhor quiz escutar os meus votos.

— Viajava eu por um paiz estrangeiro, quando eis que, em meio de uma vasta campina, avistei a certa distancia uma reunião assombrosa de gente.

Tomando aquella direcção, piquei de esporas o meu cavallo. Ao approximar-me da multidão, notei que ella estava silenciosa e ouvia com profunda attenção as palavras de alguem.

Tive curiosidade de ouvir o que esse alguem dizia, para saber o motivo de semelhante reunião.

Approximando-me mais, reparei que sobre uma pequena eminencia, um homem cheio de santo fervor falava com voz forte e animada. Acerquei-me então, ainda mais, para melhor ver e ouvir.

Mas, oh! Deus meu! Que alegria, que

Reconheço, no homem que falava, o meu amado solitario!...

Vejo o mesmo rosto; oiço a mesma voz que em outra occasião tanto havia commovido a minh'alma.

Apeei-me, amarrei o cavallo n'uma arvore que havia alli perto e atravessei o auditorio sem ser notado! Acerquei-me do pregador o quanto pude, o qual proseguia no seu discurso e falava do amor de Jesus, com tanto zelo e eloquencia que não havia quem não estivesse commovido.

Todos derramavam lagrimas e se ouviam suspiros do auditorio, o que dava bem a entender que os corações estavam penetrados do amor de Jesus Christo.

De que motivos, de que razões tão poderosas se valia o orador para conseguir o seu fim!

Começou por fazer um retrato da pessoa amavel de Jesus: — por um lado, nos fez ver a sua grandeza, a sua sabedoria, o seu poder e a sua divindade; por outro, fez resaltar — a sua bondade, a paciencia, a sua formosura e sua humildade!

Depois de nos ter feito uma pintura tão bella e tão viva do Homem-Deus, demonstrou o quanto Elle nos ama;

os afans que teve por nós; as continuas sollicitudes em buscar os nossos corações; as graças de que nos cumula a cada instante; as humilhações que soffreu por nós; seus trabalhos, seu sangue derramado e sua morte ignominiosa soffrida por nosso amor.

Explicou todas estas cousas com taes argumentos convincentes e com uma grande sinceridade que se lia em seus olhos, em seu gesto e com a voz e o coração tão compenetrados do que dizia, que nós nada mais pudemos fazer sinão nos calarmos egualmente convencidos.

Concluindo o sermão, tomei as rédeas do cavallo e acompanhei-o a pé até a povoação vizinha, em cujo hospital se recolheu para descansar em companhia dos doentes pobres que eram todo o seu enlevo. Entrei também no hospital.

Logo que ahí me viu, disse-me:

— Me vedes, pois, pela segunda vez e quer o Senhor que para a vossa satisfação vos fale d'Elle, o que deverá ser o objecto unico e mais apreciavel das nossas conferencias.

— Acabo de ouvir o vosso sermão, lhe respondi; estava entre os ouvintes e me haveis de tal modo commovido, que não ha cousa que não de-

seje soffrer pelo amor que devo ao meu Salvador Jesus Christo.

— Vós o amais, pois? — perguntou-me.

— Sim repliquei-lhe: eu o amo; porém, como não posso amal-o tanto quanto o quizera, dissei-me o que devo fazer para conseguil-o.

Explicai-me, eu vos supplico, o que vós haveis feito por Elle, desde que tive a dita de encontrar-vos em vosso retiro.

Algo lhe custou acceder ao meu pedido; porém, como suppiquei-lhe encarecidamente pelo mesmo amor que professava á Nosso Senhor, não poude negar-se.

Depois de haver tomado algum alimento, porque voltara do sermão, bastante fraco e fatigado, no que gastou meia hora, começou a falar-me d'este modo:

— Deixei o deserto logo que nos separamos; parti de noite...

— Porém, interrompi-lhe: — porque abandonastes o vosso retiro, onde tanto se aprende a amar a Christo?

— E' verdade, respondeu-me, que é na soledade onde particularmente se aprende a amar esse divino Salvador; nas cidades e entre os homens falareis por certo unicamente do a-

mor das riquezas, dos deleites e das glórias vãs.

O amor de Jesus Christo não reina entre estes amores profanos. E' na solidão o logar onde se deve ir buscal-o.

Alli, longe do tumulto dos homens e do ruido das cousas mundanas, aprendem-se socegradamente os segredos d'este amor divino; alli se pode conversar ás sós com Deus, sem temor de ser interrompido e de que alguém nos arranque do nosso recolhimento.

Tudo alli nos fala eloquentemente do amor que devemos ter a Nosso Senhor: — os bosques, as fontes e os passarinhos, o mar, a terra, as hervas, as flores, tudo respira, tudo fala do amor á Jesus Christo.

Foi isso o que nos fez habitar por espaço de dez annos a solidão.

Porém, quando o coração está cheio d'este amor divino; quando se sente d'elle abrazado e as chammas que o devoram não cabem em tão estreito recinto, o que se deve fazer?

Por ventura não é licito derramar e communicar aos homens este amor divino e ensinar-lhes quão amavel é Jesus Christo e quanto devemos amal-o?

Estas considerações me obrigaram a volver ao bulicio do mundo.

Havendo, pois, sahido da minha solidão, fui á casa de uns santos missionarios, onde aprendi depressa os excellentes meios de que se valem para ganhar as almas para Deus.

Uma vez lá, quizeram os missionarios que eu me ordenasse sacerdote.

Tomar tal resolução custou-me algum trabalho, porque consideravame de todo indigno, de ser ministro do Senhor.

Porém, vendo que isto seria um novo motivo para amar mais á Jesus Christo, e levar por toda parte o seu santo amor, preparei-me para o sacerdocio, recebi ordens e celebrei pela primeira vez o sacrificio incruento.

Oh! meu amavel Salvador! De que graças, de que favores Vós enchesdes então á este vosso pobre servo!

Não os posso explicar, porque apenas se podem comprehendel-os.

Via-me todos os dias no altar, fazendo as vezes de Jesus Christo, representando a sua pessoa, tendo o Salvador entre as mãos, immolando-me com Elle ao mesmo tempo...

Oh! que dita para mim! Jesus Christo em minhas mãos!... Jesus

Christo em minha bocca!... Jesus Christo em meu peito!...

E isto, não uma só vez, mas todos os dias!

E será possível, depois de tão grandes favores, não arder em seu santo amor?

Oh! sacerdotes, ministros sagrados de Nosso Senhor Jesus Christo, si vós reflectissem um pouco quanto grande é a vossa honra em recebê-lo, em fazer-lhe as vezes, serieis outros tantos Christos!

Não sois effectivamente os ungidos do Senhor?

Vós representais a pessoa de seu amado Filho: vós levais este divino Salvador em vossas mãos.

Que digo? Vós o levais em vossa coração e pode succeder que não o ameis sufficientemente!

Elle se immola todos os dias por vós, em vossas mãos e, vós não vos immolais por Elle?

Elle vos confia seu corpo, seu sangue, sua vida; Elle vem descansar em vosso peito; Elle, em uma palavra se entrega todos a vós e vós acharieis duro entregar-vos de todo á Elle?

Elle é todo para vós! E porque vós não sereis d'Elle de todo?

Elle quer viver em vós; e vós recusareis viver n'Elle?

Elle vos ama; e vós não o amareis?

Ah! si vós considerasseis o que sois e a pessoa que representais, serieis, sem duvida, doces como Jesus Christo,

Depois que tive a honra de ser sacerdote, acreditei que sempre havia de ter presente a minha grande dita.

Já não sou eu quem vive, mas é Christo que vive em mim. Tudo quanto sou pertence á Elle; os meus olhos já não são meus; nem a minha lingua, nem o meu corpo, nem o meu coração, nem a minh'alma me pertencem.

Tanto os meus olhos como a minha lingua, as minhas mãos como o meu coração, o meu corpo como a minh'alma, tudo é de Jesus Christo.

Todas estas cousas não me pertencem já, mas devem ser contadas entre os bens, a herança e o reino de Jesus Christo.

Fazer de mim um verdadeiro amante e imitador de Nosso Senhor Jesus Christo, eis o objecto d'estes pensamentos tão doces e estimaveis.

E Vós, meu Salvador, si vos aprou-ver, fareis em mim esta obra.

Ai! si tão facilmente podeis Vós converter um pouco de pão em vossa substancia e isto com cinco palavras

apenas, quanto mais facil vos será converter-me todo em Vós só com o contacto do vosso sacratissimo corpo!

Vós o quereis, ó meu Jesus e eu tambem o quero; Vós m'o mandais e eu vos obedeço com gosto.

Não, eu não me quero pertencer mais á mim mesmo e não ficarei completamente satisfeito sinão quando Jesus Christo estiver habitando inteiramente em mim.

Mas nem isto me basta ainda: eu quero ir por todo o mundo fazer com que Elle habite no coração de todos os homens.

Foi este desejo que me obrigou a deixar a minha amada solidão, como já disse, onde aprendi a amar a Deus e donde me vi obrigado a ir para diversas nações ensinal-as a amar tambem ao meu Deus.

Fui desde logo aos paizes barbaros, quero dizer, a esses paizes desertos do Christianismo, onde apenas se ouve falar vagamente de Jesus Christo. N'elles préguei Jesus Christo; n'elles expliquei a sua santa doutrina; os habitantes ouviram-me e aprenderam a amal-o.

Não quiz fazer estas prégações em minha terra natal, porque além de não querer que me reconheçam, co-

mo poder fazer amar a Jesus, em um paiz onde só se ama o interesse, os deleites, o mundo e as vaidades?

Ai! em um meio Catholico, ouve-se frequentemente falar em Jesus Christo, mas ignora-se commumente a sua doutrina.

Os mysterios prégados pelo Homem-Deus, são reputados entre os inventos fabulosos, ou são tidos como uma bella historia, uma novella admiravel que já fez epocha em outro tempo.

Nestes centros pervertidos, as verdades da nossa fé, repetidas mil e uma vezes sem fructo algum, produziram uma especie de insensibilidade: — algumas pessoas as ouvem, é certo, mas não as apreciam devidamente.

Não sei si não as entendem ou si não as querem entender!

Emfim, nas nações que se dizem adiantadas, habitadas pelos falsos christãos, homens que se dizem catholicos mas que não praticam a religião e que collocam o interesse mundano, o goso material, os deleites acima de tudo, pouca é a crença: — a fé em Jesus Christo, é uma fé agonizante!

E n'estas condições, quem será capaz de reerguer e reanimar esta fé?

Por isso, fui a todas essas nações semi-barbaras, onde quasi nunca foi pregado o Evangelho: annunciei-o, pois, áquella pobre gente, sedenta, por assim dizer, da palavra divina.

E em todas essas nações, os seus habitantes admiraram tanto a Jesus Christo gostaram tanto da sua Doutrina que todos ficaram presos do seu divino amor.

— Neste ponto interrompi o sacerdote e perguntei-lhe de que discursos costumava valer-se para ganhar estes povos para amarem a Jesus Christo.

— Não vos posso dizer precisamente, me respondeu, o que eram os meus discursos, nem como os coordenava. E voltando os olhos ao céu, disse: — Só Vós o sabeis, ó meu Salvador, pois Vós é que m'os inspiraveis; Vós falaveis por minha bocca; Vós animaveis a minha voz e o meu gesto; Vós vos derramaveis nos corações dos meus ouvintes; Vós, emfim, ereis quem fazia tudo: — entregue inteiramente a Vós, me ensinaveis o que convinha dizer.

— Portanto, proseguiu, não vos posso verdadeiramente dizer o que pregava então: — sei bem que falava sempre, a essa gente, do objecto

do meu amor; sei tambem que para excitar a multidão a amar á Jesus, fazia ver o quanto Elle é amavel, o quanto nos ama e, o quanto deseja que nós o amemos.

Outras vezes falava da necessidade que temos de amar a Jesus, das riquezas inestimaveis que o seu amor incerra, do seu poder, da sua excellencia, das suas doçuras, dos seus triumphos... emfim explicava todas as maravilhas d'este amor divino.

E essa gente, reunida em grandes massas, escutava-me com summo prazer.

Por todos os lados se ouviam ternos suspiros e havia ao mesmo tempo um certo sussurro que denotava o sentimento que cada um tinha de haver amado bastante a Jesus, ou os ardentes desejos de amal-o no porvir; ou ainda as resoluções fervorosas que tomavam de tudo fazer e tudo soffrer por seu amor.

As palavras d'este santo sacerdote e os motivos que elle allegava para se amar á Jesus Christo, me encantavam; mas, desejando que entrasse elle um pouco mais minuciosamente na materia, suppliquei-lhe que me explicasse este amor de um modo mais particular.

Elle o fez, mas de um modo tão vivo e eloquente, que acreditei ouvir a um São Paulo ou a um Seraphim falando d'este divino amor!

Jamais meu coração esteve tão inflamado como então: as palavras pronunciadas por este servo de Deus, eram quaes dardos encendidos que me penetravam na alma e me inflamavam o coração no amor de Nosso Senhor.

Seus olhos, seu gesto, seu rosto, tudo, tudo n'elle me falava d'este divino amor.

Primeiramente falou-me da necessidade d'este amor: — me fez ver que não se pode viver com felicidade sem amar a Jesus.

Demonstrou-me em seguida que não podemos gozar a saúde da alma, si não amarmos a Jesus: — que aquelle que não o ama fica anathematisado, porque temos no Decalogo preceito expresso do Senhor que manda amal-o, pois o primeiro dos dez mandamentos diz: «Amar a Deus sobre todas as cousas» e pelo mysterio da Santissima Trindade, Jesus Christo é a segunda pessoa e portanto esse Deus a quem devemos amar.

E finalmente disse-me, que era preciso o christão escolher n'esta alter-

nativa: — arder no fogo do amor de Jesus Christo, — ou — arder eternamente no fogo do inferno.

Depois de ter assentado a necessidade que temos de amar a Jesus Christo, demonstrou-me os grandes beneficios que este amor produz, explicando-me suas inestimaveis riquezas.

Oh! que cousas admiraveis disse elle sobre tão interessante materia!

— Disse que o amar de Jesus Christo encerra todos os thesouros do ceo e da terra: — a alegria, a paz, a segurança da graça, a doçura, a humildade, a paciencia, a pureza, a fortaleza, o valor... em uma palavra — todas as virtudes as mais heroicas do Christianismo; e que, afóra o horror do peccado, o desprezo do mundo, a abnegação, de si mesmo, o amor á cruz e aos trabalhos elle ainda inspira um desejo ardente de sacrificio e uma sêde insaciavel de morrer por Jesus Christo!

— Que cousas ha que não possua, disse elle, aquelle que ama a Jesus Christo!

— Aquelle que o ama, possui o seu coração, e por consequente todos os thesouros da sabedoria e da sciencia de Deus.

Em seguida falou-me do poder e dos triumphos d'este amor.

— Sim! não o duvideis me disse: — possuindo-se este amor, não ha nada que não se emprehenda e não se leve a cabo!

Este amor tudo pode, tudo supera e tudo avassalla!

Este amor de tudo triumphha e nem o proprio Deus com ser Omnipotente lhe resiste!

Este amor fez os Martyres triumpharem em meio dos maiores tormentos!

Este amor deu forças a tantas jovens virgens para chegarem-se á presença dos tyrannos e atirar-lhes em rosto as suas barbaridades!

Este amor triumphou da idolatria; e foi este mesmo amor que deu, outr'ora, poder a uns pobres pescadores da Galiléa para submetterem todo o mundo á santa loucura da fé!

— Passou depois a explicar-me a excellencia d'este amor divino:—

Disse-me que elle é que formava os grandes Santos e os heróes do Christianismo. Sem este amor tudo é nada; sem elle as maiores cousas são nullas, ao passo que com elle as menores cousas tornam-se infinitamente grandes.

— Disse me ainda que, si fosse bannido do Paraizo o amor de Jesus Christo, promptamente elle se converteria em um inferno; e que, si fosse possível introduzir este amor no inferno, elle deixaria de ser inferno e se converteria em um delicioso Paraizo.

Continuando, expoz-me as delicias deste amor dizendo que, elle adoça: as amarguras desta vida: — sem elle tudo é — tristeza; e com elle tudo é — alegria, tudo é prazeres e torrentes de delicias!

Para provar-me tão bella proposição e fazer-me comprehendel-a de um modo sensível, invocava o testemunho de todos os corações que têm amado com especialidade á Jesus Christo.

Estes corações nadavam em um mar de prazeres, ou melhor d'elles estavam inundados; não se possuíam á si mesmos, vendo-se obrigados á dizer: — basta, Senhor, basta!

— Ah! si me fosse possível, ajuntou, fazer-vos gozar o que experimento em mim mesmo e derramar em vosso coração tudo o que sinto no meu, quanto serieis feliz!...

— Ai! mas que digo?

— Ainda que as derrame por toda par-

te, as doçuras do meu coração são tão grandes que não as posso explicar.

— Eis, pois, continuou mudando de tom, quaes as bondades, as grandezas, as riquezas e as delicias do amor de Jesus Christo.

Mas, para conhecel-as e para entender o que eu digo, é preciso amal-o; e ajuntou dando-me um forte abraço: — amai, pois, a Jesus Christo, amai a este divino Salvador!

Ai! sim! Amai-o, mas amai-o tanto quanto Elle vos tem amado!

— E vós lhe negareis o vosso amor?

Que motivos, que poderosos motivos existem que vos impellem a este amor!...

Todas as criaturas vos incitam á elle. O Paraizo Celestial vos offerece a immensa e eterna felicidade dos Santos si amardes á Jesus Christo; o Inferno vos ameaça com todos os seus eternos tormentos, si não o amardes!

Tudo quanto vos rodeia n'este mundo visivel, o sol, a lua, os astros, a terra, o mar, as plantas, os fructos, as flores, tudo vos prega, tudo vos annuncia Jesus Christo, tudo vos fala do seu santo amar...

Calou-se por alguns instantes e levantando depois a vóz que se fez ouvir por toda a sala dos pobres enfermos, onde se haviam reunido muitas pessoas, exclamou: — ha no mundo cousa mais razoavel, mais natural, mais conveniente, mais doce e mais interessante do que amar a Jesus Christo?

Nós temos uma tendencia natural para amar aos nossos semelhantes.

E este Deus que se fez homem pelo amor que tinha aos homens, não é por ventura de todo semelhante a nós?

— Amamos naturalmente aos nossos bemfeitores e a todos os que se interessam por nós, de modo a não podermos prescindir d'este amor. E poderemos prescindir do amor de Jesus Christo, não havendo quem nos tenha feito tanto bem como Elle?

— Amamos com paixão as grandezas, as riquezas, os prazeres, o amor e a estima dos grandes; pois bem:— amando a Jesus Christo possuis o amor e a estima de todo o Paraizo: — os Anjos vos querem, os Santos vos apreciam; o proprio Deus vos ama e achareis em vosso amado todos os bens, todas as honras, e todas as delicias do céu e da terra.

Nós amamos sem escrupulo algum, antes julgando uma necessidade, tudo quanto nos pertence, tudo quanto é nosso e isto porque, nós amamos necessariamente a nós mesmos. Ora bem: — ha por ventura em todo o mundo cousa que mais de perto nos toque e que seja mais nossa que Jesus Christo?

Elle é nosso pae, nosso irmão, nosso amigo, objecto do nosso amor, nossa carne e nosso alimento! Elle é todo nosso e todo nosso por amor! Porque, pois, nós não seremos todos d'Elle, já que Elle é todo nosso?

Nós amamos a belleza, a bondade, a sabedoria, a virtude, porque estas cousas são naturalmente amáveis. Pois bem: — porque não amaremos ao nosso amavel Salvador?

— Elle é a propria belleza, a bondade por excellencia; é a sabedoria do Eterno Pae, é o mais meigo de todos os homens; Elle possui de modo eminente todas as mais bellas qualidades: — enfim, nós amamos aos que nos amam e gostosamente pagamos amor com amor.

Que Jesus Christo nos amou, não podemos duvidar; que nos ama, podemos experimentar; e, que nos quer

amar eternamente, disto temos recebido mil provas!

Porque, pois, não o havemos de amar?

Porque regatear-lhe o coração que nos pede?

Ai! amam-se as criaturas e ás vezes as menos amáveis; criaturas sem nenhum merito e que talvez não nos amem; não obstante nós as amamos e o amor que lhes dedicamos é um amor inquieto, gravoso, pesado, criminoso e que nos tyrannisa; mas o amor de Jesus Christo é o unico amor santo, innocente pacifico, consolador, infinitamente doce e delicioso!

Nós amamos aquillo que sabemos certo que deveras nos ama; Jesus Christo, quer, pois, amar-nos por toda a eternidade!...

Extendeu-se o bom do sacerdote sobre tão preciosa materia e o fez com tanto fervor que arrebatou á todos os ouvintes; os rusticos e os simples quedaram-se mais convencidos que os outros; pedi-lhe, depois, a razão d'isto e me respondeu que sobre esta classe de pessoas baixou o amor de Jesus Christo no dia de Pentecostes; e que aos ricos e grandes do mundo poucas vezes é concedido este favor.

Para provar-me o que acabava de afirmar, eis como continuou a historia de sua vida:

— Prêguei, disse, a toda classe de pessoas, aos grandes e aos pequenos, aos ricos e aos pobres e aos que andam entregues aos prazeres d'este mundo. Prêguei aos sabios e aos ignorantes, aos velhos e aos moços, porém sempre com resultados diferentes: — os grandes do mundo não podem amar a Jesus Christo, porque não podem amar os desprezos e as humilhações; os ricos, tão pouco são capazes do seu amor, porque não podem se conformar com a sua pobreza; os voluptuosos são indignos d'este amor porque possuem um coração corrompido; os sabios, os politicos das diversas camadas sociaes, já mais amaram a Jesus Christo, porque elles não podem amar a sua doçura, a sua simplicidade e a sua innocencia.

Vós outros, pobres e simples; vós outros, enfermos e abandonados, vós outros, digo, estais bem dispostos para amar N. Senhor Jesus Christo.

— Um dia, continuou, por occasião de prégar a um grande e selecto auditorio do qual fazia parte um príncipe do paiz, com a sua numerosa

côrte, falei do ardente amor que Jesus Christo tinha aos homens; desde logo deram a entender os ouvintes que estavam muito commovidos; quedaram-se corridos e envergonhados de terem estado tão largo tempo sem amar Aquelle que tanto os havia amado; já se reprehendiam da sua ignorancia, da sua dureza de coração, enfim, começaram a inflamar-se no seu santo amor.

Porém, logo que lhes falei d'este Divino Salvador, tiritando de frio, sobre as palhas de um presepe, se foi extinguindo n'elles o amor que a principio se accendera em seus corações.

Para reanimar este fogo que se ia apagando, vi-me forçado a dizer-lhes que, si Jesus se havia humilhado tanto, tinha sido para o nosso bem; não produziram, porém, minhas razões outro effeito sinão o de amortecer-lhes mais e mais o mesmo fogo.

— Não, diriam elles em seus intimos, segundo comprehendí, não podemos nos resolver a amal-o porque nos é impossivel imitar tão grande pobreza e uma humildade tão profunda.

Os reis e os poderosos da terra,

lhes disse eu, então, amaram o Salvador quando infante: — é verdade que Herodes e a sua côrte não o puderam tolerar, porém os Reis do Oriente o adoraram e fizeram-lhe seus presentes.

Que partido quereis vós seguir, Senhores?

Somos da côrte de Herodes ou pertencemos ás dos Reis Magos?

Estas palavras commoveram a todo o auditorio, mas poucos se converteram, porque em grande parte elle se compunha de gente da côrte e de grandes do mundo.

Não obstante alguns se converteram e o fizeram de uma maneira tão nobre que em pouco tempo chegaram a ser uns perfeitos amantes de Jesus Christo.

Oh! grandes! Oh! nobres! Oh ricos da terra! Si quizerdes vos servir das enormes vantagens que o Senhor vos concedeu, podereis em pouco tempo ser uns santos.

Sereis grandes em todas as cousas: — grandes em virtude, — grandes em valor e — grandes no amor de Jesus Christo.

— Passei em outra occasião diante de uma Academia, onde regularmente se reuniam os sabios: — um

d'estes senhores logo que me viu, convidou-me a entrar.

Não recusei-me a accceitar o obsequio que se me fazia.

Entreí e vi uma espaçosa sala onde estavam muitos senhores sentados em ordem para ouvir um eloquente discurso que seria pronunciado por um d'elles, de ante-mão eleito: foi esperado muito tempo mas não compareceu.

Então, me apresentei sorrindo a estes senhores e lhes disse:

— Si vós me permittirdes, senhores, eu pronunciarei um discurso que não vos desagradará.

Acceitaram a proposta.

Falei-lhes, então, das qualidades amáveis de Jesus Christo, em termos que me pareceram os mais apropriados para commover até os corações mais impedernidos; mas seus corações continuaram tão frios e gelados como antes: — de prompto conheci a causa.

Estes senhores, como queriam que eu lhes falasse tudo á imaginação, nada reservavam para a vontade.

Não queiramos, pois, esgostar todas as forças da alma em entender e penetrar o impenetravel; antes reservemol-as para amar Aquelle que

não podemos amar sufficientemente.»

Falava-me deste modo, quando dirigindo a vista sobre os enfermos estendidos em suas camas, disse, com um certo ar de alegria:

— Eis aqui as pessoas susceptíveis do amor de Jesus Christo.

Aqui, é onde ordinariamente me retiro; aqui, é onde o amor de meu Salvador me circumda por toda a parte; aqui — é onde acho os corações melhor preparados do que em outros logarés.

Aqui, em meio d'estes homens que vêdes, dos quaes alguns ainda viviam immersos em seus crimes, logo que a dôr pezou em seus corações, felizmente, a propria força do mal fel-os cahir em si e tornaram-se escravos do amor divino.

— Chegada a hora, dêu-se de comer aos enfermos; e o santo sacerdote os serviu com a cabeça descoberta e com tanto zelo e cuidado que qualquer diria que, na pessôa dos pobres enfermos, elle servia ao proprio Jesus Christo.

Não havia caricia que elle não lhes dispensasse: — abraçava e um, consolava a outro, compunha a todos as camas e as cobertas; a este incitava a

comer e áquelle cortava a carne e depunha no prato os alimentos.

Só depois de servir a todos, é que elle alimentou-se com as sobras.

Eu notava que elle fazia estas cousas com um fervor inexplicavel.

Depois da refeição, curou á todos lavando á cada um as suas chagas e medicando-as com especiaes cuidados e delicadezas.

Emfim, como enfermeiro dedicado, elle serviu aos doentes, fazendo todas as limpezas da enfermaria e depois de tudo feito varreu a casa.

Quando acabou, fez-lhes um pequeno sermão sobre o amor de Jesus Christo, mas um sermão tão pathetico e terno, que estes bons homens ficaram inteiramente compenetrados, não cessando de bendizer a Deus por ter-lhes enviado um homem tão santo e que tão bem sabia consolal-os em suas enfermidades: — o amor que elles conceberam então para com Jesus Christo, fel-os amar as penas e ter o seu estado de enfermidade e pobreza por mais ditoso mil vezes que o dos grandes e ricos da terra.

Em meio d'aquella bôa gente, um enfermo houve que recebeu mal o sermão; affligiu por isto o servo de

Deus, e, mirando-me com os olhos tristes, disse-me:

— Eis aqui o fructo do que envelheceu nos máos habitos!.....

Emquanto assim falava, o sino chamava os meninos do povo á capella visinha, onde o bom ecclesiastico ensinava-lhes o catecismo.

Acompanhei-o até a capella e lá mostrando-me aquelles juvenzinhos, elle me disse:

Vêde estes meninos; elles constituem a minha delicia; não achareis aqui os vicios inveterados d'aquelles que trazem os corações endurecidos no mal.

Estes possuem almas ternas, doces, sensiveis e innocentes; aqui em meio d'elles é onde deve reinar o amor de Jesus Christo.

— Começou, então, a falar de Jesus aos meninos, e, para mover-lhes mais o intimo, apresentou-lhes o Homem-Deus, como um terno infante sobre o presepio, tão formoso, tão doce e tão amavel que, aquellas innocentes crianças não puderam deixar de ficar encantadas.

Contou-lhes, em seguida, como os pastoresinhos foram visitar o Menino Jesus; os presentes e offerendas que

lhe fizeram e o bom acolhimento que tiveram.

Disse-lhes como o Menino Jesus se deixou abraçar e acariciar por aquelles pastores e como Elle proprio queria fazer outro tanto com elles.

Explicou-lhes que, por amor a humildade e a innocencia é que Jesus quiz se fazer menino como elles, ser seu irmão, viver com elles, todos os dias, dar-lhes sua Mãe, Maria Santissima por mãe commum de todos e isto para dar-se, para entregar-se, emfim, inteiramente a elles.

Explicou-lhes, ainda, que, Jesus nosso Salvador, amava os meninos com especial carinho; que durante toda a a sua vida mortal, tinha um grande prazer em conversar com os meninos; que os abraçava com ternura e que os apresentava aos Apostolos, para mostrar-lhes quanto para Elle era agradável a doçura, a humilde, a innocencia e a simplicidade da infancia.

Os meninos o escutavam attentamente e o amor de Jesus Christo insensivelmente penetrava em seus ternos corações de tal maneira que os fazia derramar lagrimas.

Concluido que foi o seu sermão, este santo varão se dirigiu a mim, dizendo-me.

— Já vedes, pois, quão verdadeiro é o que vos dizia: — estes juvenzinhos são os mais dignos de receber e conservar o santo amor de Jesus.

— Oh! meus caros meninos! disse dirigindo-lhes de novo a palavra: — vós outros acabais de ouvir quão amavel é o nosso Salvador e quanto vos ama!

Ide, pois, filhos queridos, dizei-o aos vossos paes, ás vossas mães; dizei-o aos vossos parentes, aos criados de vossas casas; dizei-o, enfim, a todos que quizerdes e não vos envergonheis de publicar quão amavel é o Senhor e quanto Elle vos ama!

Havendo assim exhortado os meninos, os despediu um a um e depois dirigindo-se a mim, disse:

— Si nós outros não nos fizermos pequenos como estes meninos, não seremos jámais dignos do reino de Deus que é o amor de Nosso Senhor Jesus Christo.

Anoitecia quando se despediu de mim. Suppliquei-lhe então que me permittisse passar com elle a noite, pois na manhã seguinte continuaria a minha viagem e desejava aproveitar os momentos de que dispunha para estar com elle; que me aturasse com paciencia aquella noite e que

depois não o estorvaria mais.

Consentiu no meu pedido com a condição, porém, que havíamos de passar a noite na enfermaria, porque era este o logar onde de ordinario descansava, ao que accedi de bôa vontade.

Voltámos á enfermaria, visitamos os enfermos um por um e depois de uma breve instrucção religiosa que lhes fez o servo de Deus e após a oração costumada, fomos nos deitar.

Não perdi de vista o bom sacerdote: — vi que se dirigiu para os pés do leito de um enfermo que estava muito mal e que já havia recebido os ultimos Sacramentos: — orou ali, cerca de duas horas e depois, envolvendo-se em um cobertor velho, deitou-se no chão para descansar um pouco.

Talvez não chegasse a descansar tres horas: — seu somno parecia muito doce e tranquillo e seus sonhos parece que eram com cousas celestes, pois de quando em quando, mesmo dormindo, suspirava e murmurava o nome de Jesus.

De quando em quando parecia acordar e então dizia com voz doce e tranquilla: — «Oh! meu Jesus! Oh!

meu Salvador! Oh! Deus do meu coração!... Ai!... não serdes bastante amado!... Oh! si eu pudera, faria com que todo o mundo vos amasse!...»

Repetia, assim, de espaço a espaço, alguma d'estas phrases ou murmurava jaculatorias e depois adormecia, sempre com somno tranquillo.

Sobrevindo, porém, convulsões ao enfermo que se achava em estado muito grave, despertou elle e acercando-se promptamente do seu leito, viu que prestava-lhe carinhosamente os serviços de que somente é capaz um enviado do céu em occasiões semelhantes.

O enfermo entrou em agonia e o santo homem o assistiu com tal paciência, com tanta doçura e com tamanha caridade que não se pôde imaginar.

Eu acreditava ver em sua pessoa o proprio Jesus Christo.

Elle estava tão cheio do amor divino que o imprimia á alma do pobre moribundo que por fim expirou em seus braços.

Apenas havia amanhecido e já o santo sacerdote tinha disposto tudo para os funeraes do morto; e despedindo-se de mim disse-me:

— «Eis aqui um dos mais doces

empregos da minha vida. E' mister afinal que nos separemos — ide-vos em bôa hora; continuai a vossa viagem e si alguma vêz pensardes em mim, recordai-vos que é preciso amar a Jesus Christo.»

— Eu disse-lhe que durante toda a minha vida me recordaria d'elle com saudades, mas, que antes de separarmo-nos, supplicava-lhe com toda a instancia que se dignasse ensinar-me como devia amar a Jesus Christo, em que consistia propriamente o seu santo amor; o que convinha fazer para alcançal-o; quaes são os meios para conserval-o e quaes os seus progressos e a sua consummação.

Accedeu elle aos meus rogos e eis as admiraveis instrucções que me deu, as quaes quero enxertar n'esta obra.

— «Para preparar-se a gente para o amor de Jesus Christo, convêm antes de tudo alijar de si todo aquillo que possa desagradal-O: — a vaidade, o orgulho, a impureza, a avareza, a mentira, a colera, em uma palavra, tudo o que se oppõe á lei de Deus.

Para alcançar esta graça, é necessario conformar-se com a vontade de Deus: — isto é, aborrecer tudo o

que Elle aborrece; desejar o que Elle deseja; amar o que Elle ama!

Amai a doçura, a humildade, a simplicidade, a obediencia e assim amareis á Jesus Christo!

Para encher-se alguém do amor divino, é preciso antes de mais nada desvencilhar-se de tudo o que pode desagradar-lhe e ser-lhe contrario.

O amor dos prazeres, a amor das riquezas e o amor de si mesmo, todos estes amores são contrarios ao amor de Jesus Christo.

— Esvasiai o vosso coração de todos estes amores e elle ficará cheio do amor do nosso Divino Salvador.

Para conhecer si devéras se amais a Jesus Christo, não devemos nos fiar em certos ardores que algumas vezes parece que abrazam o nosso peito, nem tão pouco naquellas doçuras de que em certas occasiões acreditamos estar inteiramente inundados. Todos estes signaes são equivoocos e nos podem enganar.

— Vede si, com todo o cuidado, observaes os mandamentos da Lei de Deus; si procuraes seguir seus conselhos; si vos applicaes a renunciar a vos mesmo; si amaes a cruz e si voluntariamente tomaes parte nas suas

humilhações, nas suas penas, nas suas agonias e desamparos...

Si tudo isto fazeis, podeis dizer sem temor de errar que, devéras, amais a Jesus Christo.

— O amor de Jesus Christo tem todas as qualidades que São Paulo attribue á caridade: — «é paciente, é doce e não é invejoso; — não produz nenhuma cousa ruim; — não se incha de orgulho; — não busca seus proprios interesses; — não se incomoda e ainda menos se encolerisa; — não julga mal de cousa alguma; — não se alegra do mal do proximo e só se alegra com o seu proprio bem; — é tolerante: — tudo crê, tudo soffre e tudo espera!

«O amor de Jesus Christo não cessará jamais.

«As prophecias se acabarão; as linguas cessarão de ser faladas; a sciencia desapparecerá, mas o amor de Jesus Christo permanecerá eternamente.

«Quem será capaz de nos separar do amor de Jesus Christo?

— Será a tribulação, o desgosto, a perseguição, a fome, a nudez, a espadá ou a violencia?

— «Nada d'isto, porque, eu tenho

tal confiança em meu Salvador, que, nem a morte, nem a vida, nem os Anjos do céu, nem as potestades da terra, nem as cousas presentes, nem as vindouras, nem o que ha de mais alto no empyreo, nem o que ha de mais profundo no inferno, nem criatura alguma será capaz de apartar-me jamais do amor de Jesus Christo.

E' São Paulo, o fervoroso amante de Jesus Christo, quem assim fala; elle mesmo é quem nos dá estes signaes do verdadeiro amor.

Para bem gozar das doçuras do amor de Jesus Christo, é preciso renunciar a todas as doçuras, não só as criminosas, como também aquellas que parecem as mais innocentes.

Para gozar perfeitamente a doçura do Senhor, não se ha de gozar de outra cousa sinão do mesmo Senhor.

Para se ficar abrazado como convem no seu divino amor e sentir-se que vivam as suas chammas puras, não se ha de permittir no coração, outro fogo, ainda que seja o mais innocente.

Para conservardes este amor santo, amai a soledade e tende o espirito de oração.

Para augmentardes este mesmo a-

mor, exercitai-vos em obras de caridade.

Emfim, para consummardes em vós o amor de Jesus Christo, perdei, destrui, anniquillai, a vossa natureza; o amor de Jesus Christo, só si alimenta de penas, é insaciavel de cruces; — elle triumpha em meio das tribulações; — elle ama as humilhações, os desprezos, as contradicções, os desamparos, os soffrimentos, as angustias; — em fim, elle nos faz morrer para todas as cousas e até para nós mesmos, afim de que só vivamos a vida de Jesus Christo.

— Quem me déra soffrer só para vós, ó meu Salvador!

Quem me déra entregar-vos logo tudo o que o vosso amor me pede ha já tanto tempo!

— Venham sobre mim todas as perseguições, todas as enfermidades, os contagios, as contradicções, a pobreza, a escravidão, as calumnias e todos os tormentos imaginaveis!

— Sim! Venha tudo isto sobre mim, afim de amar-vos perfeitamente; e — ainda mais, consummi em Vós tudo quanto sou e tudo quanto me pertence!»

Concluiu, assim, com essas palavras que exprimiram o fervoroso desejo

que tinha de consumir o seu amor nas pennas e nos trabalhos.

Abraçou-me então e nos despedimos.

Montei á cavallo e prosegui a minha viagem, pensando continuamente nas santas instrucções que esse virtuoso sacerdote me havia dado, tendo me assegurado, ao despedirmo-nos, que ainda nos veríamos outra vez, antes d'elle morrer.



O AMANTE DE JESUS CHRISTO

TERCEIRA PARTE

SUA VIDA PACIENTE E SUA MORTE

Depois de havermos descripto qual foi a vida occulta e solitaria d'este perfeito amante de Jesus Christo; em seguida, qual foi a sua vida publica e laboriosa, só nos resta agora explicar qual foi a sua vida paciente e, finalmente, como morreu consummido no amor de Nosso Senhor Jesus Christo.

Com isto, aprenderemos como este mesmo amor, em qualquer destes tres estados de vida, ha de triumphar em nossas almas.

Cerca de cinco annos se passaram sem ter noticia alguma d'este santo sacerdote; por elle perguntava em toda a parte para ver si obtinha alguma noticia sem nada conseguir, quando, certo dia, por casualidade acerca-se de mim um mendigo e pede-me uma esmola.

Perguntei-lhe quem era, e de que paiz.

Respondeu-me que era do paiz e que me conhecia, pois me havia visto em certo hospital, onde tive uma larga conferencia com um santo sacerdote, cuja memoria seria eternamente venerada.

Perguntando-lhe então que fim havia levado esse bom homem, respondeu chorando o mendigo:

— Ai! senhor! Não ha males nem desgraças e nem enfermidade que não tenha soffrido aquelle venerando sacerdote, desde a vossa partida.

Quando vos despedistes d'elle, deveis lembrar-vos que elle estava dando todas as providencias para o enterro do enfermo que vistes morrer n'aquella noite.

Concluida a encommendação, quiz elle proprio ajudar a carregar o cadaver até á sepultura.

No caminho tropeçou e cahiu com

tanta infelicidade, que fracturou uma perna, sendo a fractura exposta.

D'ahi se originou uma ferida enorme que lhe causou as mais terriveis dores.

Sete mezes teve que ficar de cama, soffrendo com uma admiravel paciencia tudo quanto ha de mais cruel nas operações cirurgicas: — os medicos cortaram da ferida pedaços grandes de carne apodrecida e depois fizeram incisões profundas e terriveis, raspagem dos ossos e applicação de cauterios fortissimos na carne viva.

E emtanto, em meio de todos estes tormentos, era por certo uma maravilha ve-lo louvar Nosso Senhor pela graça que lhe concedia de poder elle soffrer alguma enfermidade pelo seu amor.

Mas ainda lhe restavam outras penas a soffrer.

Começava apenas a sarar da quebradura da perna e da ferida, quando todo o seu corpo se encheu de uma especie de lepra, da mais hedionda e terrivel.

Job, em seu muladar, não estava tão carregado de miserias como este homem; foi mister que tivesse a paciencia d'aquelle servo de Deus.

Incessantemente bemdizia ao Se-

nhor, que, por seu divino amor se havia dignado associar-se á sua propria cruz.

Assistia com summo prazer apodrecerem-lhe as carnes e cahirem, pouco a pouco, os pedaços.

Era objecto de horror á quantos d'elle se acercavam.

Não dormia nem de noite, nem de dia, porém, por sua invicta paciencia triumphava de todos os males.

Em minha vida nunca vi um rosto mais alegre.

De continuo cantava hymnos sacros de alegria e recitava jaculatorias em que dizia a Jesus o seu amor.

Esta terrivel enfermidade durou um anno e foi seguida de muitas outras que o assaltavam como que de combinação, umas após outras.

Esteve dois mezes com febre continua que degenerou depois em febre terçã que lhe durou mais de um mez.

Em seguida cahiu em uma prostração total de forças a qual perdurou por um anno inteiro.

Soffria todos estes males com uma constancia admiravel e com um ar de paz e de doçura que indicava muito bem a tranquillidade de sua alma e a alegria que sentia em padecer por amor de Jesus Christo.

Jamais foi visto impacientar-se; sempre alegre e contente bemdizia incessantemente a Deus por havel-o julgado digno de participar das dores de seu Filho.

E ora adorava as chagás de Jesus ora suspirava amorosamente pedindo-lhe novas cruces.

Seu coração não se saciava, si me é licito assim dizer, com tantas dores, que o acabrunhavam e, pedia mais tormentos.

Amava suas penas e enfermidades, porque amava a Jesus Christo.

Oh! que cousas admiraveis, nos dizia, algumas vezes, enfermo como estava, para inflammar em nós todos o amor de Jesus!

Não tenho expressões bastante fortes e penetrantes, para poder vol-as referir; só o que posso vos assegurar é, que, de muito bom grado teria ficado toda a minha vida, n'aquelle hospital, junto a este homem tão santo, si os administradores não me houvessem dado alta.

Além d'isto, tambem me era preciso cumprir um voto e por tal motivo tive de emprehender uma viagem bastante longa.

Em que estado, perguntei-lhe eu, deixastes vós este santo ecclesiastico?

— Deixei-o, me respondeu, em seu leito de dôr, paralytico de todo o corpo e quasi cego, mas cantando sempre hymnos em louvor do seu querido Jesus.

Ha uns quinze dias esteve tão mal que parecia não ter uma hora de vida sequer.

Este homem justo, via-se continuamente entre a vida e a morte, sem temer a uma, nem desejar a outra mas sempre submisso á vontade d' Aquelle que era o objecto dos seus desejos.

Deixando-o assim, parti e vou apregoando por toda a parte estas maravilhas que ditosamente, para vós, acabo de vos contar.

Fiquei arrebatado ao ouvir taes cousas; dei uma bôa esmola ao peregrino, sentindo que esta esmola não fosse uma remuneração bastante generosa ás gratas e preciosas novas que me havia dado sobre o meu querido amigo. E perguntei ao meu interlocutor:

— Está ainda no hospital o santo sacerdote e, acreditaes que ainda o encontro lá.

— Não sei, me respondeu; porque em verdade, o estado d'elle, quando o deixei, era tão melindroso, que, po-

de ser que a estas horas já tenha fallecido.

Assim o acreditei; e, despedindo-me do mendigo, retirei-me para o meu quarto meditando sobre tudo o que elle acabava de me dizer.

Causava-me pasmo o que havia soffrido esse ecclesiastico desde que nos haviamos separados.

Admirava sua invencivel paciencia e seu amor á Jesus Christo, que as dores de tantas e tão graves enfermidades não haviam podido extinguir.

Eis aqui, dizia eu a mim mesmo, o que produz em nós o amor divino: — nada se sente pelas enfermidades que sobrevenham, a mando-se a Jesus Christo.

Mas será possivel que tenha morrido este santo homem, depois da promessa que fez-me, de que ainda nos veriamos outra vez n'este mundo ?!

Quiz informar-me, e por isso escrevi ao administrador do hospital.

Respondeu-me que, ha alguns dias que o padre, de quem eu falava, havia desaparecido.

Tendo sarado repentinamente dos seus males, havia seguido viagem ás escondidas, sem dizer para onde ia.

Esta resposta me alegrou e reanimou a esperança de tornal-o a ver.

Apezar d'isso tive que passar cinco annos sómente com esta esperança, aproveitando as occasiões em que me encontrava com aquelles que haviam estado no hospital para pedir informações a seu respeito.

Mas ninguem sabia dizer que fim tinha levado o santo varão.

Finalmente quiz Deus que eu mesmo o encontrasse por um raro acaso.

Passando um dia por um arrabalde de Caen, tive este ditoso encontro. Era por occasião da Semãna Santa.

Acercava-me da cidade, quando eis que se levanta de improviso uma furiosa borrasca com trovões e granizo.

Busco de prompto onde esconder-me e descubro um pobre estabulo no qual entro sem perda de um momento.

Mas ahi, que vejo! Que espectáculo meu Deus!

Sobre um pouco de palha, pallido, desfigurado, estava deitado um homem, reduzido aos ultimos extremos, em profundo silencio.

Ao ver-me, exclamou:

— Vos dou graças, meu Deus, por me haverdes concedido o favor que tanto vos tenho pedido.

— Aproximai-vos, me disse com o rosto risonho, e aprendei quaes são os triumphos do amor de Deus!

Pelo metal da voz reconheci o santo homem que buscava, o que não pude fazer antes pelas feições porquanto seu rosto estava sangrento e coberto de golpes e contusões e nada conservava da expressão primitiva.

— Aqui me vedes, disse-me então; sou o mesmo homem que vistes em outro tempo em soledade nas proximidades da praia do mar; o mesmo que vistes depois no hospital e vedes porfim em um estabulo, em lugar semelhante áquelle em que quiz nascer o divino Salvador por amor nosso e onde quer que eu morra por seu amor.

Uma turba de jovens me poz no estado em que me vêdes; estes jovens commettiam actos reprovados que não me atrevo a enumerar; quiz reprehendel-os, mas se enfureceram tanto contra mim que, arrancando-me do carro em que viajava bateram-me tanto com as suas bengalãs que me deixaram sem sentidos e por morto, atirado em um vallo á beira da estrada. O cocheiro amedrontado tocou os animaes á galope e fugiu.

Voltando a mim e mais alliviado

das dores, sahi do vallo e recolhi-me como pude a esta choça, na qual me acho só, sem consolo humano.

— Disse-me depois que a sua ultima hora se approximava; que morreria Sexta feira Santa, ás 3 horas da tarde; supplicou-me que eu não o abandonasse afim de aprender com elle os triumphos do amor de Jesus, em uma alma que se havia, de ha muito entregado inteiramente a Elle.

Eu o prometti e tambem que o assistiria com todos os meios que me fossem possiveis.

Ministrei-lhe algum alimento dos que dispunha na occasião; suas debéis forças se reanimaram um pouco e começou a contar-me a historia da sua vida desde a ultima vez que tive a dita de vel-o.

— Depois da vossa partida, disse-me elle, Deus permittiu que viesse sobre mim toda a sorte de enfermidades; creio ter soffrido por muito tempo tudo o que um miseravel corpo é capaz de soffrer.

Não fallo dos que me atacam na actualidade, porque estes nada são em comparação d'aquelles.

Basta que vos diga que depois de exgotados todos os recursos da sciencia, perdeu-se a esperança de sal-

var-me; mas Deus se dignou fazer voltar-me a saude em uma só noite.

Vós, fizestes tal milagre, oh! meu amor e meu Deus, para reservar-me a maiores penas; minha cura milagrosa foi evidente a todos e por isso era grande a veneração que me tinham.

Não podia supportar a honra que se me tributava e por isso sahi occultamente do hospital.

Havendo embarcado em um barco de vela, uma tempestade me arrojou ás costas da Barbaria, onde fui preso por um turco e conduzido á sua casa para que lhe servisse de escravo.

Oh! o que não hei soffrido durante esta escravidão?!

Vós o sabeis, oh! amado de minh'alma!

Quanto a mim, melhor fôra que o callasse, mas para vossa gloria devo dizel-o, porque Vós, Senhor, me auxiliastes de um modo particular neste estado por espaço de dois annos.

Fui amarrado logo a uma corrente, como si fôra um cão de guarda e assim preso e sem sahir do mesmo lugar, passo um anno inteiro virando uma roda de atafona.

Passava dias e noites em tão esta-

fante exercicio e apenas me davam o pão necessario para viver.

Passado este anno, me destinaram á toda classe de occupação e serviços, de modo que não ha nenhuma azemula que trabalhe tanto como me faziam trabalhar; não me poupavam ás bordoadas e ainda além disto os meninos da casa me faziam mil insultos; mas isto tudo era nada em comparação de outros ultrajes sangrentos que tinha que soffrer com frequencia.

Sabiam que eu era christão e que de nenhum modo queria dar ouvidos ás superstições do Alcorão; isto os irritava tanto, que não cessavam de atormentar-me de mil maneiras.

Em minha presença zombavam do Christianismo e para affligir-me mais ainda vomitavam mil blasphemias contra Jesus Christo.

Não paravam aqui as zombarias e os insultos á nossa religião para mo-farem dos mysterios da paixão do meu Salvador, faziam-me soffrer quasi os mesmos tormentos, representando sua pessoa.

Atavam-me as mãos, arrancavam-me fios da barba, cuspiam-me no rosto e obrigavam-me a carregar uma especie de cruz, na qual quizeram

pregar-me um dia com grossos cravos, tal era a raiva que me tinham!

Oh! meu amavel Jesus, que dita teria sido a minha, si depois de vos haver seguido nos passos de vossa dolorosa paixão, houvesse tido a sorte de ser, como Vós, cravado n'uma cruz, e expirar finalmente n'ella por vosso amor!

Porém, eu não merecia esta graça e me tinheis reservado para novos tormentos.

Por esse tempo se apresentou um desses Padres caritativos que se hão consagrado á redempção dos captivos. Este santo religioso, soube o estado em que eu me achava e compadecendo-se da minha miseria, offereceu o meu resgaté ao barbaro turco.

Este, avarento quanto é possível, deu-me a liberdade em troca de certa quantidade de dinheiro.

Sahi do meu captiveiro e o meu libertador fez-me logo seguir para a França.

Começava a respirar o ar de minha patria e gosar aprazivelmente esta doce liberdade que se encontra entre os christãos, quando meu amor que não se sacia de soffrimentos, per-

mittiu que viessem sobre mim novos trabalhos.

Apenas cheguei á França, me propuz ir visitar Nossa Senhora do Resgate, para orar em sua capella e dar graças á Deus pela minha liberdade.

Andando em caminho, cahi em poder de uns ladrões, que fingindo-se muito caridosos me fizeram montar n'um cavallo carregado de objectos recentemente roubados.

Não os tive de prompto por ladrões, porque pareciam gente bôa e ignorava tambem a bagagem em que montava, mas o soube sem tardar.

Appareceu na estrada um grupo de soldados: os ladrões bem montados fugiram á toda a carreira, deixando-me nas mãos dos representantes da Justiça.

Examinaram a carga do meu cavallo e encontraram dinheiro, joias e vasos sagrados. Não duvidaram ser eu um dos ladrões e sem demora me conduziram ao carcere.

Seis mezes, estive preso, soffrendo tudo o que se pode intaginar: correntes, masmorras, em uma palavra, nada se me perdoou.

Por fim fui condemnado a uma morte infame; porém um tribunal supe-

rior quiz conhecer a minha causa e fui transportado para outro logar.

Os crimes que me imputavam e de que parecia culpavel, mereciam muito mais ainda; mas eu não me atrevia a justificar-me porque meu amado Jesus me impunha silencio.

Não ha delicto que me não lançassem em rosto, nem supplicio com que me não ameaçassem.

Faziam-me passar por feiticeiro e sacrilego; os menos rigidos me tinham por fatuo, e esta foi finalmente a opinião que prevaleceu, depois de me haverem tido muito tempo em um estreito carcere.

Neste espaço de tempo, havia guardado um profundo silencio e fui por isso tido como mentecapto e julgaram que me podiam pôr em liberdade sob fiança.

Um homem de bem, desconhecido para mim, affiançou-me. Fui posto em liberdade, mas com a condição de ser conduzido debaixo de escolta para um hospicio.

Sempre em silencio, a minha escolta cansou-se logo e tendo-me soltado depois de alguns dias, puz-me á caminho, inteiramente entregue ás mãos da divina Providencia.

Não mui longe d'aqui encontrei al-

guns jovens libertinos entregues á dissolução, blasphemando do santo nome de Deus.

Tanto isto commoveu o meu espirito e me exaltou que, rompendo o silencio que tão rigorosamente havia guardado em minhas prisões, reprehendi as faltas d'aquelles jovens e lancei-lhes em rosto o seu máo comportamento para com o nosso supremo Creador.

Porém, estes insolentes blasphemos, ebrios de vinho, me ultrajaram e depois de me haverem posto n'este estado em que me vedes, voltaram ás pressas para a cidade.

Apenas tinha proferido estas ultimas palavras, quando seu semblante mudou-se inteiramente: augmentaram-se-lhe as dores; sobrevieram-lhe grandes convulsões e acreditei que elle ia expirar.

Duas largas horas permaneceu neste estado, porém reanimando-se depois um pouco e levantando os olhos para o céu, disse:

— Que graças vos devo eu, ó meu adoravel Jesus, por me terdes feito participar dos vossos trabalhos!

Em minha vida, nunca padei tanto como n'estes ultimos annos, mas:

tambem posso dizer que jamais vos amei tanto!

Soffri, é verdade, enfermidades sem conta no hospital, mas ahi havia almas boas que me consolavam em minhas doencas!

Soffri em minha escravidão, mas isto era em meio dos barbaros e Vós não cessaveis, oh! meu Deus, de encher-me das vossas graças as mais doces e consoladoras!

Mas o que não soffri eu nos carcere de França?!...

Não eram turcos os que me atormentavam; eram christãos, homens de bem, sabios magistrados, santos ecclesiasticos e todos conspiravam para fazer-me padecer e parecia algumas vezes que os proprios demonios estavam ao seu lado.

Que raivas, que abominações, que desesperos dirigiam dia e noite contra meu pobre coração durante este tempo!

Apenas, oh! meu Salvador, vos dignastes visitar-me uma ou duas vezes e por um pequeno instante para consolar-me: — parecia-me que Vós mesmo me havieis abandonado inteiramente!

Não, mais derramaveis sobre a mi-

nh'alma aquelle doce orvalho que tantas vezes me fizestes sentir!...

O céo, outr'ora, tão azul, havia tomado, para mim, a côr do brônze!

E Vós mesmo, oh! meu Deus, parecíeis sempre irado contra mim e prompto para fulminar-me com os vossos raios!

Via sempre aberto aos meus pés o precipicio e cria, emfim, que Vós me haviéis eternamente expulsado do vosso coração.

Oh! que tormentos para mim!...

Pode-se, acaso, soffrer maiores tormentos no mais rigoroso purgatorio?

Ha, por ventura, no mundo quem não succumbisse sob o espantoso peso d'estas penas?

Sem duvida eu houvera succumbido milhares de vezes, si vosso amor, oh! meu Jesus, não me houvesse sustido inefavelmente e dê uma maneira inexplicavel!

A Vós, oh! meu divino Salvador, seja toda a gloria por todos os seculos dos seculos!»

Havendo falado desta sorte, pediu os ultimos Sacramentos.

Procurei quem lh'os dêsse e os recebeu com uma devoção admiravel.

Na noite de quinta para sexta, teriam dado dez horas, quando cahiu

em uma tristeza mortal a que se seguiu a agonia; pela sua physionomia parecia estar nos seus ultimos instantes de vida; seus olhos derramavam suaves lagrimas e do seu corpo manava um certo suor mesclado com sangue, que indicava muito bem o excessivo das suas dores.

Permaneceu uma hora n'este estado e depois exclamou com voz forte e dolorosa: — «Ai! si uma falta venia é um peso tão terrivel para um miseravel como eu, quão espantoso seria o peso de todos os peccados de todo o mundo sobre o mais santo e o mais innocente de todos os homens!»

Pronunciou estas palavras com um tal accento, que nunca jamais em toda a minha vida conheci melhor que então, a enormidade do peccado.

Cahiu em seguida em agonia, ou melhor direi, em uma especie de extasis que lhe durou até ás doze horas do dia seguinte.

Cerca de meio-dia se reféz por um momento da sua agonia e dirigindo-se á mim, disse:—

— «Tendes alguma cruz grande?»

— Respondi-lhe que não, mas que immediatamente a procuraria.

No mesmo estabulo havia duasta-

boas muito proprias para tal fim; — a mais larga tinha seis pés de comprimento; formei com ellas uma cruz que lhe apresentei; — beijou-a e havendo se deitado e estêndido sobre ella, entrou na terceira e ultima agonia.

Não se póde explicar dignamente o que se passou n'estes ultimos momentos.

Parecia-me ver então Jesus Christo cravado na cruz.

Observava no rosto d'este santo ecclesiastico uma doçura e magestade que me arrebatavam.

Todo elle não respirava sinão dor e amor, com uma doçura tão grande que, me parecia ser a propria pessoa de Jesus Christo.

Pronunciou algumas palavras e as primeiras que disse foi em favor daquelles que o haviam ultrajado e posto n'aquelle estado.

Depois disse em voz baixa não sei que cousas a um aldeão que estava perto; e querendo eu animal-o, apresentei-lhe uma imagem da santissima Virgem: disse-me elle então palavras tão consoladoras que não as esquecerei jamais.

Dahi a pouco nos disse que tinha sêde e logo nos pareceu que havia

passado a ultima desolação e que se achava em um extranho desamparo.

Não obstante, reanimou-se um pouco e levantando os olhos ao céu disse com grande confiança: —

— «Oh! meu Jesus! Em vossas mãos entrego o meu espirito!»

Depois d'estas palavras guardou silencio por um momento e de prompto levantando suavemente a sua voz exclamou:

— «Oh! Amor! Amor! Oh! Jesus! Tudo está consummado!»

Ditas estas palavras cerrou os olhos e com summa paz e goso, deu o ultimo suspiro.

Nós presentes, nos desfaziamos em lagrimas.

Não posso dizer si o que mais me tocou foi a dor de haver perdido um homem tão santo, ou si a alegria de haver achado n'elle aqueliê que eu buscava e que me pudesse dar uma idéa de um perfeito amante de Jesus Christo.

Como de todos os que presenciamos sua morte, era eu o mais qualificado, me acerquei do cadaver e pondo a mão sobre o seu coração, achei um papel escripto de seu proprio punho e que dizia o seguinte:

— «Meu amavel Salvador Jesus, mi-

nhã alegria, meu thesouro, minha força, minha luz, minha esperança, meu amor e meu tudo, vos dou milhares de graças por me haverdes dado um espirito para conhecer-vos, um coração para amar-vos e um corpo para tudo soffrer por Vós.

«Morro contente, porque morro todo para Vós, e morro convosco em meio dos maiores trabalhos.

«Que vos darei, Senhor, em troca de tanta bondade?

«Eu vos faço inteira doação de minha alma, de meu corpo, de minha vida, de minha morte, de minha saúde e de minha eternidadé.

«Tudo o que sou e tudo o que possuo, tudo é vosso, Senhor!

«Oh! meu tudo! Nada tenho de meu, tudo é vosso. Faz já tempo que estou inteiramente consagrado a Vós, recebei-me, pois, todo, oh! meu amavel Salvador!

«Vos entrego minh'alma; fazei d'ellá o que bem vos apraza.

«Si a quereis enviar ao purgatorio, consinto n'isto, para poder assim padecer mais por vosso amor, si ainda não hei padecido bastante.

«Si por um excesso de vossa infinita misericórdia a quereis levar ao paraizo, — ah! Senhor! vossa é!

«Sahiu de Vós por amor; fazei que este mesmo amor a faça volver a Vós: este é o sacrificio que vos faço de minh'alma.

«De meu corpo, disponde tambem á vossa vontade.

«Eu o deixo á terra, já que esta é a sentença que Vós lhe haveis dado para que seja consumido como pasto de vermes e convertido em pó; — seja tudo como Vós quereis.

«Não obstante, uma graça vos peço, oh! meu Jesus! e é, que todos os que passarem pelo logar da minha sepultura, recebam as impressões de vosso santo amor, que não falem de outra cousa sinão d'elle, e que as cinzas do meu corpo, espalhadas por todas as partes do mundo, publiquem o muito que Vós tendes amado aos homens e como os homens devem amar-vos!»

Assim morreu este verdadeiro amante de Jesus Christo.

Morreu... digo mal: não morreu, porque a gloria dos justos não morre nunca: — vive para todo o sempre!

Acabaram-se, sim, os seus trabalhos, mas o seu nome está escripto com caracteres indeleveis no livro de ouro da vida, entre os nomes d'a-

quelles que passaram por ella espalhando o Bem na terra e trabalhando para a maior gloria de Deus!

Assim que expirou o santo sacerdote, tudo n'elle mudou de aspecto repentinamente e o que aos olhos dos homens houvera parecido um espectáculo digno de compaixão e de horror, se viu transformado em um momento em objecto de veneração e de apreço.

Seu corpo conservou-se tão flexivel e tão natural que parecia que elle estava vivo e gosando de um somno doce e tranquillo.

Seu semblante era tão aprazivel e risonho como si estivesse em um extasis delicioso e tinha tanto brilho e magestade que parecia um Anjo do céu.

Ao mesmo tempo começou a diffundir-se pelo ar um olor e fragrancia tão suave que o estabulo ficou como um delicioso jardim.

Extendeu-se a noticia de tudo isto pelas immedições e vieram muitas pessoas de todas as classes para ver ahi o cadaver do homem de Deus.

Entre ellas se acharam muitos dos pobres aos quaes elle havia assistido nos hospitaes e outras pessoas,

as quaes elle havia edificado com as suas instrucções e exemplos.

Cada um dos presentes contava o que sabia do santo sacerdote, admirando todos, os seus trabalhos, a sua paciencia, a sua caridade com o proximo e o seu amor a Jesus Christo.

Deste modo, com a parte que elles referi da sua vida, veio a saber-se em um momento toda a historia das suas virtudes e dos seus meritos.

Admirados, todas aquellas pessoas louvavam e oravam ao Senhor, ao mesmo tempo que choravam a morte de seu servo.

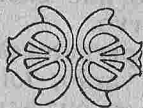
Para que perpetuasse a memoria de tão santo varão, foi resolvido que o seu corpo se puzesse em uma sepultura perpetua e sobre ella se collocasse uma lapide com inscrições.

Seu enterro foi acompanhado por uma multidão de pessoas de todas as classes e condições sociaes, de modo que, parecia um verdadeiro triumpho, querendo o Senhor, ainda na terra, honrar a memoria dos seus servos, a cujas almas reserva o verdadeiro premio no céu.

As tribulações dos justos são muitas é verdade, mas o Senhor se serve d'ellas para purifical-as como se pu-

rifica o ouro com o fogo, disse o Espírito Santo.

Mas os seus trabalhos passarão depressa; mas a sua esperança é immortal e os seus nomes viverão de geração em geração e as suas glórias durarão pelos seculos dos seculos.



REFLEXÕES SOBRE ESTA HISTORIA

Dei n'esta historia a idéa de um verdadeiro amante de Jesus Christo e espero que esta narração moverá o coração dos que a lerem com attenção e que por fim amarão Aquelle que tanto os tem amado.

A historia que narrei não fala sinão d'este amor santo! Ella ensina os motivos, os principios, os progressos e a consummação d'este amor.

Talvez esta historia não vos pareça real. Mas, ai! meu caro leitor para accender nos nossos corações o fogo do amor divino, será por ventura preciso lançar mão de ficções e novellas?

— Não! nada inventei! Tudo quanto puz n'este livrinho, milhares de vezes succedeu ao pé da letra no evoluir do Christianismo.

Isto que aqui fica, é apenas uma parte. Muitas outras maravilhas pratica o amor de Jesus Christo, como

se pode verificar lendo a vida dos Santos.

Esta historia não foi escripta por passatempo. Ella é a expressão da propria realidade. Basta considerarmos o que se tem passado mil vezes e o que se está passando todos os dias no mundo christão.

Seja, porém o que quizerdes: — será sempre uma historia verdadeira.

Si quereis amar a Jesus Christo, o que não fará em vós este amor divino?

Que admiraveis effeitos não produzirá?

O santo ecclesiastico, de que vos falei, por exemplo, captivo do divino amor, fez-lhe desde o principio um inteiro sacrificio de seus bens e retirou-se á soledade para entregar-se melhor ao objecto dos seus amores.

Quantas e quantas pessôas não têm feito outro tanto?

E si vós, fordes, como elle, chamados á soledade não podereis fazer o que elle fez?

Este mesmo homem, depois de haver passado algum tempo nessa solidão bendita, para encher-se do amor divino, sahio pelo mundo, em seguida, derramando o por toda a parte, fazendo maravilhas em suas missões.

Quantos e quantos homens apostolicos tem feito semelhantes prodigios! Como testemunhos d'isto temos São Vicente Ferrer, São Francisco Xavier e outros muitos.

Por ventura não se pode seguir o exemplo d'estes grandes homens?

E si vós, recebendo as ordens sacras, sois chamado a prégar aos homens a salvação das suas almas, não deveis como esses santos abraçar a todo o mundo no fogo do amor de Nosso Senhor Jesus Christo?

Emfim, o amante de Deus, depois de haver passado sua terna juventude no exercicio deste santo amor, depois de havel-o prégado por toda parte em idade mais avançada, o consummou por fim sobre a cruz, nas enfermidades, perseguições, ultrajes, humilhações e em tudo o que ha de mais affrontoso e repugnante á natureza.

Tantos martyres, tantos confessores, não têm soffrido outro tanto por amor de Jesus Christo?

— Vós mesmos não ficades doentes ás vezes? Outras vezes não tendes perdas? E outras vezes, ainda, não soffreis perseguições e humilhações?

E todas estas cousas não podem muito bem consumir em vós o amor de Jesus Christo?

Eis aqui as reflexões que cri dever fazer-vos sobre esta historia; persisti, meus caros leitores, dai e vendei tudo para terdes este amor; fazei e soffrei tudo por este amor; vivei e morrei inteiramente n'este amor. Assim seja.

Exhortamos a todo o christão a lêr não só a presente historia, mastambem a Vida dos Santos, mormente a dos que foram do seu estado, sexo e condição e os que mais amaram a Jesus Christo.

E para que vejam que não é vã esta supplica e exhortação, pomos aqui algumas utilidades que traz a leitura da Vida dos Santos.

Falando em geral, os exemplos dos Santos, segundo a composição que Santo Agostinho tomou do propheta David, são para nós como carvões accessos que com a sua luz dissipam nossas trevas, com seu calor aquecem nossa tibieza e com seu valor nos convencem da nossa frouxidão.

«Quando leio o que São Basilio escreveu dos Martyres, disse São Gregorio Nazianzeno, me traslado em espirito ao logar dos seus combates e vejo o ardor com que correm aos supplicios e a alegria com que os soffrem. Animado com estes exemplos,

deprecio os tormentos, que não podem tirar mais que a vida do corpo e sinto nascer dentro do meu coração um desejo de derramar como elles meu sangue por amor de Christo.»

Quem fez de um Anastacio, magico, um martyr da fé?

— O exemplo dos Martyres.

Quem infundiu, na jovem de oito annos, Santa Thereza, o desejo de sahir da casa de seus paes para ir ás nações barbaras dar-lhes a vida da fé ou para perder a de seu corpo?

— O exemplo dos Martyres.

Quem illuminou, moveu e converteu em um instante aos dois jovens cortezãos de que nos fala Santo Agostinho?

— A vida de Santo Antonio.

Quem arrancou a São Columbano de uma vida inteiramente mundana?

Quem inspirou-lhe o gosto pela penitencia e o fez correr com um fervor infatigavel pelos estreitos caminhos dos conselhos evangelicos?

— A vida de Santa Maria Egypcia.

Quem converteu Santo Ignacio? — A vida dos Santos.

Santo Ignacio conheceu e admirou n'estes heroes da Religião uma gloria muito mais nobre, mais solida e mais duradoura que aquella que el-

le buscava por um mero capricho.

Reconheceu que a gloria dos Santos, só é digna de uma alma grande, de uma alma immortal!

E esta gloria o moveu, o occupou e o arrebatou de tal sorte que, suffocou nelle toda a outra ambição e então, prometeu a Deus, não buscar d'ahi em diante, mais que a sua gloria e a sua maior gloria.

Estes Santos foram o que nós somos, e nós podemos ser o que elles são.

«Com effeito, disse Santo Ambrosio, elles não foram formados de melhor barro que nós; nasceram com os mesmos humores, com as mesmas inclinações e, quicá, tiveram paixões mais vivas e mais furiosas que as nossas.

Toda a differença consiste, em que elles combateram e venceram as suas paixões, ao passo que nós outros nos deixamos vergonhosamente governar pelas nossas.

Os Santos viveram nos mesmos estados e condicções que nós e os souberam accomodar com as leis do Catholicismo e os fizeram servir, de meios para santificar-se.

pretextos para nos dispensar das leis que nos impõe a Religião.

Para dizel-o em uma palavra, os exemplos dos Santos, com uma força que lhes é como que natural, produzem em nós uma santa confusão e nos animam a trilhar pelas mesmas sendas que elles com tanta fidelidade seguiram.

Praza ao céo que experimentemos nós esta verdade e que os ardores d'estes amigos de Jesus Christo se communguem aos nossos corações!

Sigamos, portanto, o mais de perto que fôr possível, o viver dos Santos, e não nos esqueçamos que elles não somente são os nossos protectores junto de Deus, mas tambem, modelos que devemos imitar.

E não devemos esquecer tambem que esses mesmos Santos serão os nossos juizes no dia do juizo final. **que nos espera e ao qual infallivelmente havemos de comparecer para prestarmos contas de tudo, até de palavras ociosas!**—

NOTA: Para a leitura da vida dos Santos, poder-se á recorrer aos auctores seguintes: — Croissét — «Legenda de Ouro» — Rivadeneira, e outros autores que o propagandista catholi-

co A. CAMPOS (caixa Postal n.º 1089, S. Paulo), tem em sua livraria ou faz vir dos editores.

— AVISOS —

Para os que aspiram á perfeição.

O que aspira á perfeição deve praticar tres cousas, a saber: orar heroicamente, heroicamente trabalhar e heroicamente padecer.

1.º Heroicamente orar.

Orar quando abundam as doçuras e consolos celestiaes, pouco custa e pouco vale; porém, quando a imaginação está violentamente perturbada por phantasmas ou impertinentes representações; quando a razão se acha envolta em mil tenebras e obscuridades; quando a vontade se sente abatida, o coração mais secco que o bronze e a alma enfasiada de tudo o que é bom; emfim, quando se acha esta alma abandonada, opprimida de angustia e agitada de tentações tal como uma corrente d'agua que se precipita em borbotões, ahi é que é preciso orar fervorosamente e perseverar constantemente na oração!

Isto, é sem duvida, de grande virtude e virtude heroica e é proprio da-

quellas almas que Deus predispõe, com estas duras provações para um grão insigne de perfeição; almas que não tem outro alimento, outro consolo, nem outra quietitude ou descanso si não — a vontade de Deus.

Esta alma deve ter sempre á vista o exemplo do Salvador, que constante e heroicamente orava.

Deve contemplal-o orando no Horto das Oliveiras; sem consolo algum, cheio de amargura, temor e tristeza.

E, com que reverencia tão profunda, com que fervor, com que constancia Elle ora!...

Augmentam-se-lhe as anciedades, o temor e a tristeza, e sem embargo persiste na oração.

Seu coração está opprimido de angustias; o sangue de suas veias se distilla por todos os póros do seu corpo; Elle cae em agonia e não obstante faz muito mais longamente as suas orações, *prolixius orabat*. (Luc. XXII, 43).

Sabe que não será ouvido; não importa, Elle persevera na oração, entregando-se todo á divina vontade.

Contempla, pois, a alma do Filho Amado, prostrado em terra como ora ao seu Pae Celestial, e aprende com Elle a orar heroicamente!

2. Heroicamente Trabalhar.

Não é cousa ardua nem difficil o trabalhar quando se vê o grande fructo, a paga ou gratidão que resulta do trabalho.

Ninguem admira o trabalho do lavrador, porque este trabalho é recompensado com os fructos do campo ou da vinha.

Porém, trabalhar sem nenhuma esperança de utilidade, recompensa ou paga, e, antes ao contrario não colher do seu grande trabalho outra cousa mais que a ingratição, e não obstante, trabalhar com esmero infatigavel e constantemente até terminar a obra, isto requer uma grande heroicidade christã e é proprio das almas que, ainda que vivam no mundo, não buscam nada do mundo; — e que em todos os seus trabalhos não têm outro fim sinão submitter-se á vontade de Deus.

Christo, Nosso Senhor, é um bom modelo d'este modo de obrar com heroicidade: — a pé, andava pelos povoados da Palestina, evangelizando a divina palavra, ensinando aos ignorantes, curando os enfermos sem ter nenhum descanso e sempre occupado em promover a gloria de seu Pae e em procurar a saude das almas.

Toda a sua prégacao, ou melhor toda a sua vida não teve outro objectivo sinão a gloria de Deus e a saude corporal e espirital dos homens.

Por todos estes trabalhos, que premios obteve?

Si se lerem os Evangelhos, por elles se verá que em paga de seus trabalhos teve perseguições, que em troca da sua celestial doutrina recolheu blasphemias e pelos beneficios que fez recebeu ingratições, opprobios e a propria morte infamante, crucificado entre ladrões.

Mas acaso, disistiu Elle de interceder a favor daquelle por quem era tão mal correspondido e tão vilmente tratado? — De modo algum.

E porque? — Porque não desejava nem esperava outra cousa, sinão cumprir a vontade de seu Pae celestial.

Eis ahi a unica razão de todos os seus trabalhos e padecimentos.

Justificados esses trabalhos e padecimentos pelo cumprimento exacto da vontade de seu Pae celestial, ficava Elle contente; o mais pouco lhe importava.

Fixemos um pouco mais a attenção sobre Jesus Christo, desligado de toda a virtude e perfeição; contemplemolo perto da cidade de Sichar, no

paiz de Samaria, cansado da caminhãda e sentado junto ao poço de Jacob.

Acercam-se d'Elle seus discipulos e supplicam-lhe que se digne tomar o que traziam-lhe.

— «Outra comida tenho, que vós ignoraes, lhes disse; minha comida é cumprir com a vontade d'Aquelle que me enviou, e, aperfeiçoar a sua obra.»

Esta mesma santissima vontade e não outra cousa, deve ser a comida e a bebida do que tem fome e sede de justiça; esta mesma vontade deve ser o descanso de quem se fatiga, a paga de quem trabalha e a suprema aspiração em todas as cousas daquelle que quer trabalhar com heroicidade!

3.º Heroicamente padecer.

E' bom e é louvavel soffrer as cousas adversas d'esta vida, sejam quaes forem, de maneira que não se manifeste exteriormente nenhuma agitação de animo, nem se afflija demasiado os que a soffrem, nem se queixe daquelles que o fazem e nem pretenda vingar-se dos malfeitoses.

Porém é melhor padecer os males não só com mansidão exterior, mas tambem sem queixar-se nem murmu-

rar do oppressor, sem indignar-se nem turbar-se interiormente.

E' finalmente, melhor, em summo grão, soffrer os males não só com perturbação de animo, sinão tambem com alegria e com desejo de padecer mais, para poder assim offerecer estes soffrimentos em sacrificio, ao Senhor, e para poder seguil-o mais de perto com a sua cruz; de sorte que, o que assim padece, padece de tão bom gosto e preferencia, que quando concorrem dois casos em que ambos são de igual gloria a Deus, porém, um traz deleite e outro pena, é escolhido este de preferencia áquelle.

E é este o modo de padecer heroicamente.

Vê e fazê segundo o modelo que se te mostrou no monte (Exodo, XXX, 40) nos disse a cada um de nós o Eterno Pae.

Com effeito, no Monte Calvario, cravado em uma cruz, está o nosso Redemptor, este grande heroe que de tal modo padeceu; que, sendo Rei e Senhor do céu e da terra, não obstante elegeu por companhias inseparaveis a pobreza, o desprezo e as perseguições.

O desejo de padecer estava tão en-

«cendiado, n'Elle que falando de sua paixão com seus discipulos lhes dizia:

— Com um baptismo de sangue tenho de ser baptisado. Oh! e como trago o coração comprimido até que o veja realiado! (Luc. XII, 50).

Em certa occasião havendo o Senhor predicto claramente tudo o que lhe succederia em Jerusalém, disse-lhe São Pedro:

— Ah! Senhor! de nenhum modo; não, não se ha de verificar isto em ti!

Porém Jesus incendiado em santo zelo o reprehendeu dizendo-lhe:

— Foge da minha frente, Satanaz, porque não tens conhecimento nem gosto das cousas que são de Deus, mas sim das que são dos homens (Math. XXI, 22, 23).

E estando Jesus com seus discipulos celebrando a ultima Paschoa, incendiado de amor lhes disse:

— Desejei ardentemente comer este cordeiro paschoal comvosco antes da minha paixão (Luc XXII, 15).

Elle proprio sahi ao encontro da sua paixão e cruz, dizendo:

— Afim de que conheça o mundo que eu amo ao Pae e que cumpro com o que me ha ordenado, mando... Levantai-vos, vamos daqui (João XIV, 31).

E elles lhe perguntam:

— Aonde quereis ir, Senhor?

— Aos injustos tribunaes, ás contumelias e opprobios, ás dores e á morte!

Com effeito assim se verifica: Judas se approxima com a sua impia cohorte e Jesus imperterrito lhes sae ao encontro e lhes diz: **A quem buscáis?** — E se entrega ás sangrentas mãos dos seus crueis inimigos.

Pedro quer rechassar a força com a força; porém Jesus o manda guardar o sabre na bainha e lhe diz:

— O calix que me deu meu Pae. hei de deixar de bebê-lo? (João, XVIII, 11).

No decurso de toda a sua paixão, com que paciencia e mansidão se portou!

Parecia uma ovelha conduzida ao matadouro, ou um cordeiro diante de quem o tosquia.

Desafogam sua raiva contra Elle com opprobios, blasphemias e açoites; porém, Elle, nem abre a bocca para queixar-se.

Crucificado e na ultima abjecção, se acha nos mais acerbos tormentos e o enchem de opprobios; porém, Elle, longe de queixar-se roga pelos seus proprios inimigos.

Acha-se atormentado de dores; des-

de a planta dos pés á corôa da cabeça é chaga continua e viva; todo o seu corpo está envolvido com uma tunica de dores e não obstante Elle ainda diz que tem sêde de dores.

Sitio: tenho sêde, exclama na cruz, antes de morrer!

Isto sim, que é padecer heroicamente!

Sigamol-O, pois, e imitemol-o.

Por isso, si chegarmos a este gráo de perfeição, que recebamos as cruzes deste mundo sem perturbação, com quietude de animo e amor de Deus; chegando as cousas adversas e, ainda, deleitando-nos interiormente com ellas, por consideral-as opprobrios de Christo, estimando-as mais que todas as riquezas, que todas as delicias e honras d'este mundo, de sorte que não nos vangloriemos de outra coisa sinão da cruz de Christo; então, poderemos dizer que o mundo está crucificado para nós e nós para o mundo: padeceremos heroicamente, morrendo a todo o momento e nossa vida estará com Jesus Christo, escondida em Deus.

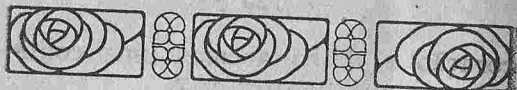
E aqui mesmo na terra onde sempre se ha de padecer, teremos todas as coisas que pode desejar o nosso

coração e desfrutaremos uma continua e imperturbavel paz.

De tal sorte, como diz São Bernardo, ainda durante esta vida estaremos no terceiro céu e gosaremos de Deus, que assim como é o principio, é tambem o centro e o ultimo fim e termo do christão contemplativo.

FIM





INDICE

Prefacio	5
Dedicatoria	7
Prologo	11
I. Sua vida occulta e solitaria	13
II. Sua vida publica e laboriosa	45
III. Sua vida paciente e sua morte	83
Reflexões sobre esta historia	109
Avisos para os que aspiram á perfeição	116



VIDAS DE SANTOS

Tenho sempre em deposito, e quando não tenho faço vir dos editores, as Vidas dos Santos, já impressas em portuguez ou outra lingua. *Ellos Santorum* em publicação, 4 grandes e grossos volumes, 100\$000 rs. *Anno Christão*, em 5 grandes e grossos volumes, já publicados, 75\$000 rs.

Para distribuição em estas faço imprimir a Vida ou o Martyrio de qualquer Santo festejado, em pequenos folhetos tendo na capa a imagem do Santo e os dizeres que se quizerem. Minimo da encomenda: *mil exemplares* custa de 100\$000 150\$000, 200\$000 rs. ou mais, conforme o formato e o numero de paginas, que ficam á vontade do freguez. Já tenho feito imprimir muitos trabalhos d'esta natureza.

A. CAMPOS

Propagandista Catholico

Caixa Postal, 1689

S. PAULO

BIBLIA SAGRADA

Tenho sempre em deposito, e quando não tenho faço vir dos editores, as edições aprovadas e completas da *Biblia Sagrada*, em portuguez ou qualquer lingua. Cuidado com as edições adulteradas e incompletas dos protestantes, que visam só a confundir os simples. A edição anotada por *Delaunay*, illustrada, em 2 ricos volumes custa 40\$000 rs. A edição revista pelo Dr. *Santos Farinha*, illustrada, em 3 grossos volumes, custa 80\$000. A importante *Historia Biblica*, de *Frei Sormento*, em 40 tomos, encadernados em 13 vols, custa 100\$000 rs. Peçam esclarecimentos e mandem suas ordens sempre a

A. CAMPOS
PROPAGANDISTA CATHOLICO

CAIXA POSTAL, 1089

S. PAULO

O AMANTE

DE

JESUS CHRISTO